

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS E VERNÁCULAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOLOGIA E LÍNGUA PORTUGUESA

LUCIANA DE OLIVEIRA TERRA

**PADRÕES FUNCIONAIS DO VERBO *QUERER* NO
PORTUGUÊS CULTO E POPULAR DO BRASIL**

São Paulo

2009

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS E VERNÁCULAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOLOGIA E LÍNGUA PORTUGUESA

**PADRÕES FUNCIONAIS DO VERBO *QUERER* NO
PORTUGUÊS CULTO E POPULAR DO BRASIL**

Luciana de Oliveira Terra

Dissertação apresentada ao programa de Pós-Graduação em Filologia e Língua Portuguesa do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculos da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, para obtenção do título de Mestre.

Orientadora: Profa. Dra. Ângela C. S. Rodrigues

São Paulo

2009

Banca Examinadora

Profa. Dra. Ângela Cecília de Souza Rodrigues
(orientadora)
USP

Profa. Dra. Maria Célia Pereira Lima-Hernandes
USP

Profa. Dra. Nilza Barroso Dias
UFRJ

Dedico este trabalho à memória dos meus pais:

Eunice Cardoso de Oliveira

e

Joel Marques de Oliveira

genitores dos quais herdei parte do que sou: a melhor.

Agradecimentos

Agradeço à professora Ângela Cecília de Souza Rodrigues, pelo crédito concedido ao meu projeto de pesquisa, sem o qual não poderia pleitear os demais.

Agradeço aos professores com os quais interagi, em maior ou menor grau, em algum momento dessa trajetória: Profa. Dra. Maria Célia Pereira Lima-Hernandes, Prof. Dr. Ataliba Teixeira de Castilho, Prof. Dr. Mario Eduardo Viaro.

Agradeço aos amigos: Paulo Barroso, Renata Vicente, Elisângela Sartin, Elaine Santos, Cristina Defende, Kelly Bernardo e Vanessa Caciaguerra, com os quais pude aprender ainda mais, falando, ouvindo, e até discutindo acerca de tudo o que tivemos a oportunidade de aprender.

Agradeço à Lídia Spaziani, pelo auxílio na produção do abstract.

Agradeço aos meus familiares e amigos pela compreensão nos momentos em que estive ausente nas reuniões sociais ocorridas no período da produção deste trabalho.

Agradeço em especial aos queridos Cesar e Bheatriz, pela compreensão nos momentos em que, mesmo presente, estive ausente, pensando e elaborando o texto dessa pesquisa.

RESUMO

Esta pesquisa de mestrado apresenta a análise dos padrões funcionais do verbo *querer* na modalidade falada do português culto e popular do Brasil. Numa abordagem sincrônica, pesquisamos o comportamento funcional desse verbo, de acordo com critérios estabelecidos por Heine, Claudi e Hünnemeyer (1991), Hopper e Traugott (1993), e Castilho (1997), para a identificação dos diferentes graus de gramaticalidade em que os verbos podem se apresentar.

A fim de atender às necessidades comunicativas, os falantes empregam o verbo *querer* com variações sintáticas e semânticas as quais descrevemos à luz da Teoria da Gramaticalização. Esta, entendida como o processo pelo qual um item de categoria lexical migra para uma categoria gramatical, e um item de categoria gramatical migra para outra, mais gramatical, desenvolvendo, inclusive, novos sentidos.

Esta dissertação apresenta-se como contribuição aos estudos de mudança lingüística.

Palavras-chave: mudança lingüística; verbo; padrão funcional; gramaticalização; sincronia.

ABSTRACT

This mastering dissertation presents the grammaticalization degree analysis of the verb *querer* (to want) in the spoken modality of the standard and popular Brazilian Portuguese. In a synchronic approach, we search the functional behavior of this verb, according to the criteria established by Heine, Claudi and Hünnemeyer (1991), Hopper and Traugott (1993), and Castilho (1997), for the identification of the different degrees of grammaticality in which the verbs can be presented.

The verb *querer*, in order to attend the communicative needs of the speaker, has presented syntactic and semantic variations which are described by the light of the Theory of the Grammaticalization. This is understood as the process from which an item of lexical category migrates to a grammatical one, and an item of grammatical category migrates for other, more grammatical, developing, also, new meanings.

The identification of the object of study in this context allows the recognition of it in a process of grammaticalization.

This dissertation is presented as a contribution to the studies of linguistic change.

Keywords: Linguistic Change; Verb; Functional Pattern; Grammaticalization; Synchrony;

SUMÁRIO

	página
RESUMO	05
ABSTRACT	06
LISTA DE TABELAS	09
INTRODUÇÃO	10
CAPÍTULO 1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	
1.0 A Mudança Linguística	13
1.1 Definição de Gramaticalização	13
1.2 Breve Histórico.....	14
1.3 O Processo de Gramaticalização.....	15
1.4 Gramaticalização de Verbos	21
CAPÍTULO 2	
2.0 METODOLOGIA DO TRABALHO	28
2.1 A Escolha dos Corpora.....	29
2.2 Levantamento Quantitativo dos Dados.....	30
2.3 Critérios Contemplados na Análise.....	32
2.3.1. Critérios que verificam os Graus de Gramaticalização do Verbo <i>Querer</i>	32
2.3.2 Critérios que verificam os Valores Semânticos do Verbo <i>Querer</i>	36
2.3.3 Critérios que verificam os Valores Modais do Verbo <i>Querer</i>	38
2.3.4 Critérios que Verificam maior incidência de usos do verbo <i>Querer</i> nas Variedades Culta e Popular do Português Brasileiro.....	39
CAPÍTULO 3	
3.0 O PRINCÍPIO DA MUDANÇA DO VERBO QUERER	41
3.1 Os Padrões Funcionais do Verbo <i>Querer</i>	43
3.2 Os Valores Semânticos do Verbo <i>Querer</i>	51

3.2.1 Os Graus de Abstratização do Verbo Verbo <i>Querer</i>	60
3.2.2 Os Valores Modais do Verbo <i>Querer</i>	62
3.3 Os Usos de <i>Querer</i> nas Variedades Culta e Popular.....	65
3.3.1 Os Usos de <i>Querer</i> no Português: Culto Formal, Culto Informal e Popular.....	67

CAPÍTULO 4

4.0 ANÁLISE DO MARCADOR DISCURSIVO <i>QUER DIZER</i>	70
4.1 Introdução.....	70
4.2 O Reconhecimento de um Marcador Discursivo.....	70
4.3 A Construção do Texto Falado.....	75
4.3.1 Princípio de Ativação ou de Projeção Pragmática.....	75
4.3.2 Princípio de Reconstrução ou Reativação.....	76
4.3.3 Princípio de Desativação ou Princípio do Silêncio.....	76
4.3 Os Processos de Correção.....	78
4.4 O Marcador Discursivo “Quer Dizer” em Construções Parafrásticas.....	79
4.5 Resultados obtidos	81
CONSIDERAÇÕES FINAIS	85
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	88
BIBLIOGRAFIA CONSULTADA	92

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Números de dados de <i>querer</i> por tipo de Amostra.....	31
Tabela 2: Número de dados de <i>querer</i> por tipo de inquérito e por estados.....	31
Tabela 3: Resumo das acepções de <i>querer</i>	57
Tabela 4: Resultado da análise dos graus de abstratização do verbo <i>querer</i>	61
Tabela 5: Resultado da análise dos valores modais do verbo <i>querer</i>	63
Tabela 6: Resumo dos resultados da análise dos graus de gramaticalização do verbo <i>querer</i> por tipo de amostra.....	66
Tabela 7: Resumo dos resultados da análise dos graus de gramaticalização do verbo <i>querer</i> por tipo de inquérito.....	68
Tabela 8: Resultado da análise do marcador discursivo <i>quer dizer</i>	81

INTRODUÇÃO

Neste texto, apresento a análise da mudança lingüística de um item em processo de mudança. Meu interesse por essa questão deu-se ainda no início das atividades como docente (1990), quando percebi haver itens lexicais e gramaticais em posições não previstas pelas gramáticas normativas, o que era preocupante, pois supunha que mais cedo ou mais tarde seria questionada, pelos alunos, a respeito.

As respostas de que precisava obtive somente em 2006, quando iniciei os estudos acerca da teoria de mudança lingüística denominada Gramaticalização. Esta, compreendida como um processo de criação lingüística, promovido por uma necessidade discursiva, a qual representa de maneira cada vez mais abstrata, o desejo e a intenção contidos nos itens. Meillet (1912), o primeiro a utilizar esse termo, explica que a transição de mudança de um item ocorre sempre numa espécie de *continuum*, que pode ser de previsão do deslizamento funcional, ou de previsão do desenvolvimento metafórico, conceito este, que foi adotado por renomados lingüistas: HOPPER e TRAUGOTT (1991,1993); HEINE, CLAUDI e HÜNNEMEYER (1993); CASTILHO (1997), como método de explicitação do desenvolvimento de itens lingüísticos em processo de mudança.

A escolha do objeto de estudo, o verbo *querer*, deveu-se ao fato de este se apresentar semântica e sintaticamente de maneira tão diversa. Adotamos, então, uma abordagem sincrônica, que tem como meta identificar diferentes graus de gramaticalidade que uma forma lingüística desenvolve a partir de deslizamentos funcionais, para descrevermos suas variadas formas de uso.

A importância de se estudar os graus de gramaticalização de verbos está na possibilidade de constatação de sua progressão em diferentes rotas de mudança lingüística.

O objetivo geral dessa pesquisa é implementar o uso das amostras do Projeto Brasileiro do Português Popular (PBPOP), compostas por Inquéritos envolvendo dados de fala coletados de informantes não-escolarizados, do tipo entrevista entre documentador e informante. O objetivo específico é descrever os usos de *querer*, identificando suas rotas de gramaticalização.

No capítulo 1, apresento os estudos-base dessa pesquisa, abordando, primeiramente de maneira mais geral a Gramaticalização, enquanto teoria de mudança de itens lingüísticos; em seguida, de maneira mais específica, a gramaticalização de verbos.

O capítulo 2 descreve os critérios adotados para a identificação dos graus gramaticais do verbo *querer*.

O capítulo 3 apresenta a análise sintática e semântica do verbo *querer* a partir de suas diferentes formas de uso, além do levantamento desses usos nos diferentes tipos de inquéritos selecionados para a pesquisa, com o intuito de identificar se as mesmas construções ocorrem da mesma forma, nas duas variedades.

No quarto e último capítulo, descrevemos o uso mais recorrente e do verbo *querer* nesta pesquisa, o qual é abordado individualmente, por se tratar de um tipo de uso divergente das outras formas encontradas.

Encerro este texto com algumas considerações acerca dos resultados obtidos com as análises e, nas páginas finais está listada a bibliografia consultada para a realização dessa pesquisa.

CAPÍTULO 1

1.0 A MUDANÇA LINGUÍSTICA

A mudança é uma característica da língua que pode ser constatada tanto pela observação da ampliação dos conceitos adquiridos pelos itens, quanto pela observação da ampliação das funções gramaticais que lhes são atribuídas. Essa mudança ocorre à medida que o falante, para alcançar seu objetivo, vale-se de termos e funções, abstraídos cognitivamente de conceitos ligados às formas de representação mental das coisas mais concretas para representar conceitos mais abstratos, já que o sistema lingüístico nem sempre dá conta de atender as necessidades de comunicação.

Uma das maneiras de explicarmos fenômenos em mudança lingüística é por meio do processo de gramaticalização. Este, bastante explorado atualmente por pesquisadores funcionalistas, os quais consideram o estudo de uma língua como a pesquisa das funções desempenhadas pelos elementos. Através da pesquisa dos padrões funcionais do verbo querer, temos o intuito de contribuir com os estudos relativos à mudança lingüística, de acordo com a Gramaticalização. Para tanto, passamos à explicitação dessa teoria.

1.1 Definição de Gramaticalização

A gramaticalização corresponde a um fenômeno de mudança lingüística, que ocorre em todas as línguas, de maneira progressiva e contínua, podendo envolver qualquer tipo de função gramatical. Ela é promovida pela necessidade discursiva e caracterizada pela atribuição de funções gramaticais a itens lexicais ou a unidades gramaticais. Neste caso, a unidade

gramatical acquire nova (s) função (ões) gramatical (ais).

1.2 Breve Histórico

Os primeiros passos em direção ao que hoje constitui essa teoria, segundo HEINE *et al.* 1991, p.5, aconteceram há muitos séculos:

At the latest, since the tenth century, Chinese writers have been distinguishing between ‘full’ and ‘empty’ linguistic symbols, and Zhou Bo-qi (Yuan dynasty, A.D. 1271-1368) argued that all empty symbols were formerly full symbols.

Estudos posteriores, já no século XVII, foram realizados na França (Condillac, Rousseau) e na Inglaterra (Tooke). No século XIX, foram desenvolvidas pesquisas na Alemanha (Bopp, Schlegel, Humboldt, Gabelenz) e nos Estados Unidos (Whitney). Contudo, como destacado por diversos autores (entre os quais, HEINE *et al.*, 1991 e NEVES, 1997), o primeiro a introduzir o termo gramaticalização e defini-lo como a “atribuição de um caráter gramatical a uma palavra anteriormente autônoma” foi Meillet (1912, p. 131). Segundo Meillet, estudos que chegaram à fonte primeira de uma forma gramatical demonstraram: (1) ser tal fonte uma palavra lexical; (2) que a transição é sempre uma espécie de *continuum*, onde itens lexicais transformam-se em itens gramaticais. Para ele, esse é um dos principais tipos de mudança lingüística.

Para Heine et al (1991), a gramaticalização pode ser interpretada como o resultado de um processo que tem como principal meta a solução de um problema: “encontrar meios para falar de coisas menos concretas, menos imediatas, menos visíveis, menos tocáveis” (VOTRE, 1992, p.119. apud ABRAÇADO, 2006). Salientam ainda que a solução desse problema, equivale ao que eles chamam de *principle of the exploration of old means for novel function*.

Hopper e Traugott (1993) definem a gramaticalização como um processo em que itens e

construções lexicais passam a desempenhar funções gramaticais, e itens e construções gramaticais passam a desempenhar novas funções gramaticais. Para eles, os itens lingüísticos pertencem a três diferentes categorias: Categoria maior (nome, verbo, pronome), Categoria mediana (adjetivo, advérbio), Categoria menor (preposição, conjunção).

Para esses autores, existem duas perspectivas para o estudo de fenômenos em gramaticalização: a diacrônica, através da qual se estuda a origem das formas gramaticais e as mudanças que as afetam; e a sincrônica: que estuda o processo de gramaticalização sob o ponto de vista de padrões fluidos do uso lingüístico.

Segundo Martelotta *et al.* (1996), não há, na literatura referente ao assunto, um total consenso em relação aos mecanismos que veiculam o processo de gramaticalização. Por isso, faremos uma apresentação resumida das posições tomadas por alguns lingüistas que tratam desse assunto.

1.3 O processo de Gramaticalização

No histórico dos estudos sobre gramaticalização encontramos divergências entre as posições tomadas pelos lingüistas, os quais nos servirão de referência. Vamos, por isso, apresentar a visão de cada um deles acerca da teoria. Optamos por mencionar, principalmente as rotas de gramaticalização sugeridas por eles e, para finalizar esta etapa, apontar os pontos de convergência que apresentam.

O linguista inglês Paul J. Hopper (1991) define gramaticalização como mudanças lingüísticas que afetam a gramática. Para ele, essas mudanças estão conectadas às mudanças semânticas, à erosão fonética, metáfora e regra de gramática emergente. Hopper

propôs cinco princípios por meio dos quais seria possível identificar os estágios de gramaticalização de itens ou de estruturas. São eles:

1. Princípio de Estratificação - Diz respeito ao surgimento de novas formas no sistema lingüístico e a sua coexistência em uma determinada sincronia com formas já existentes anteriormente. Neste caso, ambas as formas interagem, já que não ocorre o desaparecimento da forma antiga em curto prazo. Isso, quando desaparece.
2. Princípio de Divergência - Este princípio é motivado pela estratificação e diz respeito às diferentes funções dentro do sistema. Quando o item lexical se gramaticaliza num clítico ou num afixo, a forma lexical de origem se mantém como um item autônomo, que pode sofrer as mesmas mudanças de qualquer item lexical comum da classe a que pertenciam. Assim, a língua adquire formas gramaticais com uma origem comum, porém com diferentes funções.
3. Princípio de Especialização - Num estágio inicial de gramaticalização, é comum a ocorrência de várias formas com nuances semânticas diferentes. Com o progresso da gramaticalização, diminui a variedade de escolhas formais e um número menor de formas assume significados mais gerais. Ou seja, ocorre a redução de variantes com estreitamento de possibilidades combinatórias, podendo haver a obrigatoriedade de um item por falta de opção.
4. Princípio da Persistência - Trata-se de uma tendência à manutenção de traços semânticos antigos em forma gramaticalizada. Quando um item passa de função lexical para gramatical, retém vestígios de sua forma original, podendo, inclusive, refletir

detalhes de sua história lexical na distribuição gramatical.

5. Princípio de Descategorização - Está relacionado à categoria dos itens gramaticalizados, já que estes assumem marcas e funções de nova categoria, ao perder traços da categoria original. Em processo de gramaticalização, os itens tendem a perder ou neutralizar as marcas morfológicas e as propriedades sintáticas das categorias plenas (verbo pleno), e a assumir características das categorias secundárias (verbo auxiliar, auxiliar semântico).

Os princípios de Hopper descritos acima permitem diferenciar o grau de gramaticalização de um item. Podemos concluir, então, que existem itens mais gramaticalizados do que outros. O fato de tratar-se de um processo que é progressivo e contínuo dificulta o estabelecimento da fase do processo de gramaticalização em que se encontra um item.

Travaglia (2002), derivou dos princípios de Hopper (1991), os seguintes parâmetros de gramaticalização:

- a) Menor material fonético;
- b) Posição mais fixa na cadeia sintagmática (posição sintática mais rígida);
- c) Uso mais especializado, para menos valores ou para um só;
- d) Uso mais obrigatório em certos contextos e agramatical em outros;
- e) Menor número de opções no paradigma;
- f) Mais coalescente semântica, morfológica e foneticamente com outras unidades;
- g) Significado/ sentido mais geral e/ ou mais abstrato;
- h) Frequência de uso;
- i) Diminuição da variedade de formas gramaticais do item.

Hopper e Traugott (1993), estabeleceram o seguinte *contínuum* especificamente para verificar a gramaticalização de formas verbais: verbo pleno > verbo auxiliar > clítico > afixo > zero.

Posteriormente, Hopper (1996:231-232 *apud* Travaglia, 2002), acrescentou que “A gramaticalização mina a idéia de que existe um componente gramatical rigidamente pré-fixado que é um pré-requisito para o discurso e a comunicação, porque na verdade a gramática seria uma propriedade que “nasce” nos textos. Portanto, a “estrutura seria um produto do discurso”.

Do trecho acima, podemos interpretar que a observação de mudanças lingüísticas do tipo gramaticalização deve ser feita no contexto discursivo, já que ela ocorre nesta circunstância de interação comunicativa. Nesse mesmo texto, ele propõe duas dimensões para o desenvolvimento de pesquisas de gramaticalização:

- I) lexical/ etimológica, que explica o que é gramaticalizado;
- II) discursiva/textual, que explica como a gramaticalização acontece.

Para Heine, Claudi e Hünnemeyer (1991:150 *apud* Gonçalves et al.(2007)), no processo de gramaticalização atua o princípio de velhas formas para novas funções. Este princípio sempre busca os termos mais concretos possíveis para designar conceitos ou fenômenos mais abstratos. Segundo eles, para explicar o desenvolvimento de categorias gramaticais, é preciso analisar como se dá a transferência conceitual, que aproxima domínios cognitivos diferentes e os contextos que favorecem uma nova interpretação. Heine acrescenta que em processos de gramaticalização a mudança semântica é motivada por processos metafóricos¹. Neste caso, ocorre a abstratização de significados de palavras cujos conceitos são mais lexicais, passando

¹ *apud* Gonçalves et al. (2007:43)

a apresentarem-se mais gramaticais. A atividade cognitiva que leva à gramaticalização tem por objetivo resolver problemas, levando em consideração três hipóteses:

- 1) A formação de um novo conceito e a atribuição de um nome a este conceito são processos diferentes e consecutivos;
- 2) O uso de um termo já existente para designar um novo conceito envolve primeiramente um processo de equivalência metafórica entre conceitos;
- 3) A transferência entre conceitos é um ato criativo. Quando uma forma lexical expressa uma nova função, torna-se uma forma gramaticalizada.

A criatividade de que falam os autores diz respeito à habilidade do falante em conceitualizar domínios abstratos (do pensamento) em termos de domínios concretos. Constitui-se um processo unidirecional, do concreto para o abstrato, da forma lexical para a forma gramatical.

Tanto Heine et al. (1991), como Hopper e Traugott (1993), admitem que por meio de um processo metafórico, o homem utiliza, primeiramente, os conceitos relacionados às partes do corpo. Como *continuum* desse desenvolvimento propõem uma sequência que caminha do mundo real (físico) para o discurso, representada da seguinte forma:

PESSOA > OBJETO > PROCESSO > ESPAÇO > TEMPO > QUALIDADE.

Concluíram que a comunicabilidade da língua se dá pelo fato de esta relacionar diferentes conceitos e descrevê-los por meio de outros. Partindo desse princípio, é possível perceber o porquê da existência da gramática enquanto sistema e como ela está estruturada.

Observamos que os princípios, estágios e processos da gramaticalização apresentam-se de forma distinta, mas são, essencialmente interligados. Isso, de certa forma, faz com que esses

² Para Travaglia (2002), o modo e o aspecto também.

³ Vide definição na página ?

⁴ Castilho (1997) acrescentou para este caso a possibilidade de apresentarem também as categorias de aspecto, voz, ou ainda outros valores.

elementos nem sempre sejam adotados com propriedade. Com o objetivo de facilitar a adoção de um ou outro elemento (ou pelo menos de não os confundir). Travaglia ainda estabeleceu as seguintes estratégias:

- a) de estágios chamou as fases ou momentos do processo de gramaticalização de um modo geral ou de um modo particular para um processo de gramaticalização em estudo. A passagem de um estágio para outro se faz atendendo a princípios e por meio de processos. Os estágios seriam sempre graduais, podendo em algum momento apresentar elementos de mais de uma natureza;
- b) quanto aos princípios, entende como regularidades de evolução que ocorrem em processos de gramaticalização;
- c) os processos são considerados como meios pelos quais os princípios são atendidos, permitindo a passagem de um estágio para outro.

Gonçalves et al.(2007:27) também apresentam contribuições aos pesquisadores acerca de mudança lingüística do tipo gramaticalização, ao delimitar perspectivas de acordo com o objetivo a ser alcançado:

“A gramaticalização pode ser observada de duas perspectivas: diacrônica, se a preocupação do estudo estiver voltada para a explicação de como as formas gramaticais surgem e se desenvolvem na língua, ou sincrônica, se a preocupação estiver voltada para a identificação de graus de gramaticalidade que uma forma lingüística desenvolve a partir dos deslizamentos funcionais a ela conferidos pelos padrões fluídos de uso da língua, portanto, sob um enfoque discursivo – pragmático” (Gonçalves et al., 2007:16).

Nosso objetivo neste trabalho é observar os graus de gramaticalidade do verbo *querer* numa perspectiva sincrônica. Para isso, veremos adiante o que nos diz a literatura acerca da gramaticalização de verbos.

1.4 Gramaticalização de Verbos

Entre os lingüistas que tratam do tema gramaticalização, há diferentes sugestões de *contínua* para representar a evolução desse processo lingüístico. Seleccionamos alguns deles, os quais estabeleceram representações dos estágios pelos quais os verbos passam:

Hopper e Traugott (1993), estabeleceram o seguinte *contínuum* especificamente para verificar a gramaticalização de formas verbais: verbo pleno > verbo auxiliar > clítico > afixo > zero.

Em que se pode constatar um processo unidirecional de abstratização categorial.

Heine (1993), compreende o processo da gramaticalização, na classe dos verbos, em fases de mudança. É por meio de princípios e de processos que esses itens vão passando de uma fase para outra, de maneira gradual e podendo apresentar características de fases distintas. A estas fases ele chamou de estágios de gramaticalização.

Heine (1993:58-66 *apud* Travaglia, 2002) estabelece sete estágios para a gramaticalização de verbos, cujas características são:

Estágio 1: Neste estágio os verbos possuem significado lexical pleno e seus objetos referem-se a objetos concretos. No exemplo (1) o verbo *querer* corresponde a procurar, precisar de; no exemplo (2) equivale a desejar.

Exemplo (1)...é mais difícil querer um diretor de empresa (D2-SP-360)

(2) queru u meus fiu bem a vontadi. (PBPOP-PE)

Estágio 2: O verbo começa a se tornar auxiliar e o seu complemento é uma situação dinâmica, normalmente a uma entidade da natureza dos objetos concretos. Heine ressalta que nesse estágio os itens em gramaticalização estão sempre associados a outros classificados como verbos. As características típicas deste estágio são:

- a) podem ter complementos nominais ou estar associados a complementos representados por verbos não- finitos (formas nominais).
- b) não é requisito obrigatório a identidade de sujeito dos dois verbos associados;
- c) o complemento do verbo também pode ser um oração com verbo finito.

Nos exemplos que selecionamos para representar esse estágio, o verbo *querer* equivale a permitir em (3), e a desejar em (4).

Exemplo: (3) mãe... a professora num qué qui eu olho pa trais (PBPOP –NE- 16b)

(4) a função dela é me ajudar com eles... mas eles não aceitam o menino... e a menina porque quer que a mamãe faça (D2 – SP- 360)

Estágio 3: Neste estágio o sujeito pode possuir referentes não humanos com vontade própria, porque as restrições de seleção tendem a desaparecer e os verbos passam a expressar funções formulaicas como as de tempo, modo ou aspecto. O verbo pode ter como complemento um verbo cognato. Como características para este estágio, Heine cita:

- a) o verbo em gramaticalização está fortemente associado a um verbo principal em forma não-finita;
- b) a identidade do sujeito é obrigatória;

- c) o verbo em gramaticalização e o seu principal referem-se ao mesmo tempo²;
- d) o verbo não pode ter como complemento uma oração desenvolvida com conectivo e forma verbal finita;
- e) o verbo em gramaticalização perde a capacidade de exprimir toda a gama de distinções de tempo, aspecto e modalidade, por questões de compatibilidade semântica ou morfológica;
- f) o verbo em gramaticalização e o principal constituem uma unidade semântica, o item em gramaticalização não expressa qualquer valor lexical.

Heine não considera esses verbos como auxiliares prototípicos, mas de quase-auxiliares ou semi-auxiliares. Aqui, o verbo *querer* corresponde a ter a intenção, pretender no exemplo (5); e desejar, ter vontade, no exemplo (6).

Exemplos: (5) u governu num quiria reabri a iscola (PBPOP-SP-24 a)

(6)... eu quiria saí di lá di dentru correndu (PBPOP-SP-10 b)

Estágio 4: O verbo neste estágio é decategorizado. Tende a possibilidade de formar imperativo, ser nominalizado ou se passivar;

- a) não se associar com nomes que funcionam como núcleos de seus complementos;
- b) associar-se a apenas uma forma nominal (não finita) na formação de perífrases.

Exemplo: Não encontramos, em nossos dados, exemplos que correspondessem a esse estágio.

Estágio 5: O verbo em gramaticalização no estágio 5 tende a apresentar as seguintes características:

- a) é visto como pertencendo a outra classe;
- b) perde a possibilidade de ser negado separadamente;
- c) perde a possibilidade de ocorrer em outras posições;
- d) ser um híbrido com algumas características de verbo e marcador gramatical;
- e) podem ser cliticizados e/ou sofrer erosão, perdendo o status de palavra e substância fonológica e/ou a morfológica de nominalização e/ou adverbial do complemento é erodida.

Não encontramos o verbo *querer* de forma que compreendêssemos estar nesse estágio, embora tenhamos observado que a característica “a)” diz respeito a um tipo de uso bastante recorrente nos dados coletados, em que o verbo *querer* funciona como um marcador discursivo. Os marcadores discursivos são construções envolvidas na construção textual-interativa dos textos de língua falada. Nesse caso, o verbo *querer* perde seu caráter verbal e passa a atuar no plano textual-discursivo.

Exemplo (7) criança corri brinca...qué dizê já nasci cum a cabeça arejada (PBPOP-BA-23 a)

Estágio 6: O estágio 6 de gramaticalização de verbos caracteriza-se:

- a) pela perda de características verbais remanescentes, tornando-se um elemento gramatical firmemente estabelecido morfológica e sintaticamente;
- b) por seu complemento passar a ser interpretado como verbo principal;
- c) pelo verbo passar de clítico para afixo e geralmente é visto como clítico particular ou como afixo;
- d) por se manterem ainda resíduos que permitem identificar a estrutura de origem.

O verbo *querer* não se apresentou nesse estágio, mas assim como no estágio anterior, uma das

características diz respeito a uma forma de uso encontrada: “por seu complemento passar a ser interpretado como verbo principal”. O que ocorre quando *querer* funciona como semi-auxiliar, formando perífrase com outro verbo. Aqui o verbo *querer* tem função de modalizador de outro verbo que ocupa posição de principal.

Exemplo (8) ma meu maridu num quiria trabalhá...tinha medu di pegá nu pesadu (PBPOP-NE-16b)

Estágio 7: Heine classifica este estágio como o estágio final da gramaticalização de verbos. Neste caso, ele perde qualquer característica verbal e se torna um marcador gramatical puro com a forma de um afixo flexional sem acentos próprios distintivos. O outro verbo da locução perde completamente qualquer traço de morfologia de nominalização ou adverbial, sendo visto como um verbo pleno.

Não encontramos exemplos do verbo *querer* nesse estágio.

Não é tarefa simples encontrar exemplos de verbos que se encaixem em todas as características descritas por Heine para cada estágio. Uma possível justificativa para isso é o fato de os estágios não serem estanques, e em função do gradualismo na gramaticalização os verbos poderem apresentar características de mais de um estágio em um mesmo momento de análise. Além disso, um verbo pode iniciar um processo de gramaticalização e não percorrer todos os estágios, podendo esse percurso cessar em qualquer um deles, ou ainda assumir outra rota de mudança.

Observamos que, de acordo com a classificação estabelecida por Heine (1993), o verbo *querer* percorre os estágios de 1 a 3, e depois disso, embora apresente algumas características de estágios posteriores, segue uma rota de mudança discursiva, em que *querer* funciona como

marcador discursivo³. Para Travaglia (2007:18-21), a classificação de estágios de Heine são mais aplicáveis a verbos, cuja gramaticalização se dá via formação de construções perifrásticas, mas não para outras vias de gramaticalização de verbos como a que leva um verbo a se tornar funcional de ligação, ou que funciona como marcador temporal, marcador conversacional (ou discursivo), operador argumentativo entre outros.

Consideramos importante também a classificação apresentada por Castilho (1997), sobre tipos de verbos que aparecem na linha de evolução, pois além de abstrair características fundamentais da proposta de Heine, ainda apresenta uma possibilidade de análise não prevista por este, a qual abrange a rota discursiva, forma mais recorrente nos dados que computamos.

Para Castilho, os verbos dividem-se em:

- a) verbos Plenos: funcionam como núcleos do predicado e possuem seu conteúdo nocional;
- b) verbos Funcionais: transferem o papel de núcleo do predicado para os constituintes à sua direita. Para ele, este caso envolve verbos de ligação, marcadores temporais, operadores argumentativos, marcadores conversacionais, etc.
- c) verbos Auxiliares: acompanham verbos nucleares na forma nominal, aos quais atribuem as categorias de número e pessoa, tempo e modo⁴.

Podemos apontar, de acordo com Gonçalves et al. (2007) como pontos convergentes na interpretação dos lingüistas que citamos acerca do fenômeno gramaticalização que:

- I. Os autores fazem distinção entre itens, signos lingüísticos plenos, classes abertas de palavras, lexemas concretos, palavras principais e palavras gramaticais;
- II. Os autores consideram que as palavras gramaticais são originadas das palavras lexicais.

Tivemos, até aqui, uma visão mais geral da teoria da gramaticalização e das classificações de

seus estágios/níveis, além das formas de representação da evolução gramatical por meio de *contínuum* elaboradas por importantes lingüistas que trataram desse assunto. Ao observarmos as características descritas para representar cada estágio, é preciso lembrar que estes não são estanques, já que o processo de gramaticalização tem caráter gradual e ininterrupto. Assim, é natural que o item em análise apresente característica de mais de um estágio.

No próximo capítulo, apresento os critérios estabelecidos para a análise dos dados coletados do verbo *querer* de acordo com as propostas vistas neste capítulo.

CAPÍTULO 2

2.0 O VERBO *QUERER* À LUZ DA GRAMATICALIZAÇÃO

Os estudos de Gramaticalização valem-se de análise lingüística para descrever seus objetos de estudo, os quais se apresentam de diferentes formas e em diferentes níveis. O papel da freqüência na identificação de processos deste tipo é fundamental, já que sua constatação é normalmente feita através da comparação de pelo menos dois enunciados nos quais um item se apresente desempenhando uma função lexical e o outro uma função gramatical, ou então, um item mostra-se mais gramatical do que outro. Para que um item possua o estatuto de mais gramatical do que outro, terá de apresentar, além da função gramatical prototípica, outra ou outras funções gramaticais no contexto em que esteja atuando. Faz-se necessária, neste tipo de estudo, uma análise quantitativa das ocorrências dos itens, comparando-se num mesmo período e/ou em períodos diferentes, a freqüência dos itens lexicais/gramaticais e seus similares gramaticais/+gramaticais.

A apreciação da freqüência de ocorrência de um mesmo item em função lexical, gramatical, ou mais gramatical, e a comparação dos valores encontrados é o instrumento decisivo que nos permite afirmar estar em curso um processo de gramaticalização.

Assim, realizamos cálculos estatísticos:

- 1) da freqüência do verbo *querer* em função lexical, em função gramatical e em função mais gramatical em relação ao tipo de Amostra (Português Culto e Português Popular), e posterior comparação dos tipos de uso selecionados por cada uma delas; e

- 2) da frequência do verbo *querer* em função lexical, em função gramatical e em função mais gramatical em relação ao tipo de Inquérito que compõe o *corpus*: (Formal culto, Informal culto, Popular).
- 3) Para aferir os índices de frequência previstos pelos critérios acima, foram necessários os seguintes procedimentos:
 - a) Extrair e contar as ocorrências do verbo *querer* no *corpus*;
 - b) Classificar as ocorrências em níveis de funções sintáticas e semânticas;
 - c) Levando em conta o número total de ocorrências do verbo *querer*, calcular o percentual do item em cada função desempenhada;
 - d) Levando em conta o tipo de inquérito, calcular o percentual do item em cada função desempenhada.

2.1 A Escolha dos *Corpora*

Creemos que a diversidade de tipos de inquérito (Formal Culto, Informal Culto e Popular) corrobora uma melhor representação de fenômenos em gramaticalização, pois favorece o surgimento de diferentes ambientes semânticos. Por isso, decidimos fazer uso de dois diferentes tipos de amostras, as quais, pela sua diversidade, provavelmente apresentariam especificidades próprias. Uma das amostras pertence ao Projeto Norma Urbana Culta (NURC), que contempla a língua falada da década de 1970 de informantes com curso superior e composta por três tipos de inquéritos: Elocuções Formais (EF), Diálogo entre dois Informantes (D2), e Diálogo entre Informante e Documentador (DID), dos quais utilizamos os dois primeiros, para representar:

- Situações de maior formalidade, já que os inquéritos de Elocuções Formais tratam-se de exposições com finalidade de ensino, palestras, etc.
- Situações de menor formalidade, por retratarem os Diálogos entre dois Informantes, uma conversa praticamente informal⁵.

A outra amostra pertence ao Projeto Brasileiro do Português Popular (PBPOP), composta de inquéritos envolvendo dados de fala coletados de informantes não escolarizados⁶, do tipo entrevista entre documentador e informante.

Foram selecionados dezoito inquéritos, sendo nove deles de norma culta, dentre os quais cinco correspondem a inquéritos de EF e quatro a inquéritos de D2; e os outros nove inquéritos de norma popular da língua portuguesa. Levamos em conta a procedência dos informantes destes inquéritos, os quais são originários dos estados de São Paulo, Bahia e Pernambuco.

2.2 Levantamento Quantitativo dos Dados

Foram computadas 248 ocorrências do verbo *querer* nos dados do Português Culto e Português Popular do *corpus* selecionado, de acordo com a tabela a seguir:

⁵ Dizemos “praticamente” porque, considerando o fato de os informantes estarem cientes de que sua fala está sendo gravada, o que é um procedimento de coleta de dados do Projeto NURC, existe a possibilidade de seleção de um vocabulário mais apurado.

⁶ Vide melhor definição na página 5.

Tabela 1. Número de dados de *querer* por tipo de Amostra:

Tipo de Amostra	Número de Ocorrências	Quantidade de Inquéritos
Português Culto	123	09
Português Popular	125	09
Todas	Total: 248	Total :18

Nesta tabela podemos observar que houve uma certa equivalência no número de ocorrências do verbo em ambas as amostras. Isso pode sugerir que a seleção pelo uso do verbo *querer* ocorre tanto no português culto quanto no português popular. Uma melhor identificação da Composição dessas ocorrências, distribuídas por tipo de inquérito e estados, temos na Tabela 2:

Tabela 2. Número de dados de *querer* por tipo de Inquérito e por Estados:

EF	D2	PBPOP
SP: 10	SP: 65	SP: 39
BA: 2	BA: 17	BA: 52
PE: 25	PE: 4	PE: 34
TOTAL: 37	TOTAL: 86	TOTAL: 125

Esta tabela tem como objetivo proporcionar uma visão mais detalhada da distribuição das ocorrências. Para isso, fizemos o levantamento dos dados por Inquérito e os separamos, ainda, pelos estados de onde são provenientes. Com essa contagem podemos perceber se a escolha pelo uso do verbo *querer* tem predominância em determinado tipo

de inquérito e,ou estado, para posteriormente examinarmos se há uso (s) típico (s) de determinada modalidade ou região.

2.3. Critérios que serão contemplados na Análise

A seguir, apresento os critérios lingüísticos e extralingüísticos selecionados para o processamento dos dados do Português Culto e Popular do Brasil, os quais visam basicamente a verificar:

- a) o grau de gramaticalização do verbo *querer*;
- b) se a gramaticalização ocorre preferencialmente em determinado contexto lingüístico ou extralingüístico.

2.3.1 Critérios que verificam o grau de gramaticalização

Hopper e Traugott (1993), estabeleceram o seguinte *contínuum* especificamente para verificar a gramaticalização de formas verbais: verbo pleno > verbo auxiliar > clítico > afixo > zero.

Para iniciarmos o estudo dos dados de acordo com continuum acima, primeiramente tínhamos de descobrir se o verbo *querer* acompanhado por outro verbo, o que representava quase a totalidade de nossos dados, tratavam-se de construções perifrásticas. Isso implicaria darmos ao verbo *querer* um tratamento de auxiliar.

As perífrases verbais são junções, num mesmo domínio predicativo, de um verbo auxiliar e uma forma nominal (infinitivo, gerúndio ou particípio) do verbo principal (também classificado como verbo pleno).

O verbo auxiliar é o resultado de um processo de gramaticalização em que um verbo de significação lexical passa a ser ativado como um verbo de significação gramatical, fornecendo informação de pessoa, número, tempo, modo e aspecto.

O verbo principal é o verbo que detém a significação do processo, evento ou estado; seu conteúdo referencia diretamente a ação existente no mundo extralingüístico.

Há, pelo menos, três aspectos que caracterizam a conjugação perifrástica:

1. o fato de ser uma perífrase verbal, em que há um auxiliar e um verbo principal;
2. o fato de o conjunto verbal constituir uma unidade semântica, ou seja, toda a perífrase veicular uma mensagem uniforme;
3. o conjunto perifrástico transmite um certo valor aspectual, temporal ou modal, no sentido em que dá informações suplementares em relação à ação designada.

Constatamos nos dados coletados, dois tipos de construções: 1º) de construções perifrásticas, cujo auxiliar não é prototípico, mas um semi-auxiliar modal⁷; 2º) de construções com verbos funcionais, onde os verbos funcionam como marcadores discursivos⁸.

Assim, estabelecemos como critérios de verificação do grau de gramaticalização do verbo *querer*:

Entre os diferentes usos de *querer* nos dados levantados, encontramos:

⁷ Cf. estágios 2-3 de Heine, página 31.

⁸ Trataremos destes casos no Capítulo 6.

1) Querer como verbo pleno:

Exemplos: (1) desempregado... porque é mais difícil **querer** um diretor de empresa.(D2- SP-360)

(2)... si **quisé** um bem dus filhu... futuramenti tem qui sê enérgicu. (PBPOP-SP)

(3) intão eu tivi dois filhu aqui avi maria num **queru** que elis cria aqui não. (PBPOP-SP-10b)

Selecionamos aqui três casos em que o verbo querer apresenta-se na categoria dos verbos plenos, mas que correspondem a tipos diferentes, já que quanto a seus complementos apresentam: No exemplo (1) complemento nominal concreto, no exemplo (2) complemento nominal abstrato e no exemplo (3) oração subordinada substantiva objetiva direta.

2) Querer como verbo semi-auxiliar:

Exemplos:

(4) amanhã eli si arrependi ta trabalhandu aí eu **queru** vê si a pessoa é ruim (POP-BA 23 a)

(5)... e ela teve dificuldade no início mas parece-me que agora é porque ela **queria** sozinha fazer tudo sabe? (D2-SP-360)

Um verbo auxiliar ativa propriedades gramaticais relacionadas a pessoa, número, tempo, aspecto e modo. O verbo querer ativa propriedades relacionadas ao modo (volitivo entre outros), o que não caracteriza um auxiliar prototípico, mas um semi-auxiliar.

Nos dois tipos de uso de querer como semi-auxiliar, temos no exemplo (4) a seguinte composição: verbo semi-auxiliar + verbo pleno + sintagma nominal, já no exemplo (5), temos entre o verbo querer e o verbo pleno, um elemento interveniente.

Para Heine (1993), um elemento entre as formas verbais revela menor grau de integração, pois mostra que ainda não constituem uma unidade semântica e sintática.

3) Querer como marcador discursivo:

Exemplos:

(6) ta cum novi anu qui eli ta aqui nem lá nu pernambucu num foi mais **qué dizê** qui gosta né? ...(PBPOP-BA-14 a)

(7) e o número realmente é pequeno... de pessoas que sabem bem...que estão há bastante tempo no ramo... **quer dizer** então vai diminuindo (D2-SP-360)

(8) ...de vinte mil a doze mil... **quer dizer** praticamente oito mil anos... (EF-SP-405)

(9) isso com cinco anos heim calcula o que me espera mais tarde ((risos))... **quer dizer** o que espera por ele) (D2-SP-360)

Como marcador discursivo, o verbo querer perde seu caráter verbal e passa a atuar no plano textual-discursivo.

Selecionamos acima os quatro tipos de querer como marcador discursivo, presentes nos inquéritos que estudamos. No primeiro caso, exemplo (6), o marcador discursivo

formado pelo verbo *querer* mais o dicendi dizer, é acompanhado da conjunção “que”, e a expressão “quer dizer que”, estabelece conceitos de conclusão. No segundo tipo, de número (7), o marcador é seguido por então, que assim como a conjunção “que”, incorpora-se ao marcador, formando uma expressão que introduz uma conclusão /consequência. Nos exemplos (8) e (9), o marcador discursivo é seguido por sintagma verbal neste, e sintagma nominal naquele, nesses casos, o marcador revela uma abrangência maior de conceitos, pois além de conclusão/consequência, introduzem explicação e correção.

2.3.2 Critérios que verificam os valores semânticos do verbo *querer* (+ ou – abstrato)

Para Heine, Claudi & Hünnemeyer (1991), quanto mais abstrato é o sentido de um item, maior é o seu grau de gramaticalização. Utilizando-se de metáforas categoriais e de reinterpretação induzida por situações contextuais, esses autores, ao admitirem que o homem utiliza, primeiramente os conceitos relacionados às partes do corpo, propuseram o seguinte continuum de desenvolvimento metafórico:

Pessoa -> objeto -> processo > espaço -> tempo -> qualidade

Assim, examinamos o valor semântico do verbo *querer* quanto aos conceitos revelados nos complementos que seleciona, de acordo com esse *continuum*.

Selecionamos entre as ocorrências levantadas no *corpus*, alguns exemplos de uso do verbo *querer* em diferentes graus de abstratização, e constatamos quatro tipos que correspondem a:

- 1) *querer* com complemento representando elemento pessoa:

Exemplo (10) porque é mais difícil querer um diretor de empresa (D2-SP-360)

2) *querer* com complemento representando elemento objeto:

Exemplo (11) eli quiria deiz dozi mil uma maçã (PBPOP-SP-240)

3) *querer* com complemento representando elemento processo:

Exemplo (12) di noiti cê qué durmi um pocu mais cedu... (PBPOP-SP-10 b)

4) *querer* com complemento representando elemento qualidade:

Exemplo (13) si quisé u bem du filhu...futuramenti tem qui sê enérgicu (PBPOP-SP-10 b)

Nos exemplos acima, o verbo *querer* possui complementos pertencentes ao grupo dos objetos concretos. Porém, em 10 há um complemento caracterizado pelo elemento pessoa (um diretor de empresa), enquanto que em 11, o complemento caracteriza o elemento objeto (deiz doze mil). Nos exemplos 12 e 13 o verbo *querer* possui como complemento uma situação dinâmica, sendo que em 3 representa o elemento processo (qué durmi) e em 4 o elemento qualidade (qué u bem).

Assim, de acordo com o *contínuum* de abstratização de Heine et al., temos no exemplos de 10 a 13, formas gradualmente gramaticalizadas do verbo *querer*, representadas pelos elementos:

1. Pessoa => 2. objeto => 3. processo => 4. qualidade.

2.3.3 Critérios que verificam os valores modais do verbo *querer*

Um estudo realizado por Garcia (2006), sobre a tipologia semântica do verbo em português, concluiu ser o verbo *querer* pertencente à classe dos verbos afetivos, cujo nome se justifica por duas razões: primeiro por conterem sempre, em seu domínio, um elemento que é de alguma maneira, afetado por outro ou pela situação descrita pelo verbo; segundo, porque a maioria destes verbos descreve um afeto (uma sensação, uma emoção, um estado de alma, um juízo, etc.) Os verbos afetivos se dividem em cinco tipos: sensitivos, cognitivos, emotivos, avaliativos e volitivos. Para ele, o verbo *querer* inclui-se no grupo dos volitivos. Assim como para Cezário (1996), Módolo (2004), Garcia (2006), Travaglia (2004), Severo (2007), que apresentam, em consenso, esse estatuto volitivo adquirido, embora discordem em outros pontos da análise, principalmente no que tange ao tratamento deste como auxiliar. Investigamos, então, de onde viria essa tendência volitiva e a encontramos nos estudos relativos ao modo verbal. Concluímos, portanto, que se um verbo auxiliar ativa propriedades gramaticais, relacionadas a pessoa, número, tempo aspecto e modo, como é o caso de *querer*, que ativa propriedades relacionadas ao modo, podemos chamá-lo nestas circunstâncias de auxiliar modal. O estudo dos verbos modais é extenso e complexo. Em sua essência, são verbos auxiliares que modificam outros verbos, podendo expressar: possibilidade, hipótese, autorização/permissão, conselho, proibição, sugestão, necessidade, manipulação, obrigatoriedade, volição, etc. Ao analisarmos nossos dados, percebemos que, além de volição o verbo *querer* expressa outros conceitos, os quais foram computados e apresentaram os seguintes resultados:

1) Querer com valor modal de necessidade:

Ex. (14) tem secretária que **querem** saber o porquê o motivo que quer falar com aquela pessoa (D2-SP-360)

2) Querer com valor modal de permissão:

Ex. (15) eu num queru mais dendi casa (PBPOP-SP-24)

3) Querer com valor modal de volição (vontade ou desejo):

Ex. (16) tanto que quando eu morrer quero ser cremado e as cinzas jogadas no Capibaribe (D2-RE-05).

2.3.4 Critérios que verificam maior incidência de usos do verbo *querer* na variedade culta e na variedade popular do português brasileiro

Podemos constatar o processo de mudança em qualquer variedade da língua, no entanto, ao selecionarmos um *corpus* de variedade culta e de variedade popular, tínhamos como intenção identificar se as mesmas construções ocorrem nos dois tipos de inquéritos. O que nos levou a estabelecer este critério foi o fato de, no início do levantamento dos dados, observarmos que entre as construções com estatuto de marcador discursivo (quer dizer), havia em inquéritos da variedade culta, uma maior equivalência entre os tipos de acepções encontradas do que em inquéritos da variedade popular. Partindo disso, julgamos relevante comparar, entre os tipos de amostras que

compõem o *corpus*, todos os dados que foram computados. E estabelecemos como quarto critério de análise:

VI) Tipo de Amostra: 1) Culta, 2) Popular;

Por fim, ainda com o intuito de observar particularidades apresentadas pelo item pesquisado em diferentes situações de fala, consideraremos como quinto critério analisar os dados, distribuídos em culto formal (EF), culto informal (D2), e popular (PBPOP):

V) Contexto de fala: 1) Culto Formal, 2) Culto Informal, 3) Popular Informal⁹.

Neste capítulo, estabelecemos os critérios para a análise do nosso objeto de estudo (o verbo *querer*), passamos então à descrição de seus padrões funcionais, apresentada no próximo capítulo.

⁹ Aqui temos a intenção de lembrar que existem situações formais pelas quais passam os falantes da modalidade popular, embora estes não possuam competência lingüística para se adequarem a elas.

CAPÍTULO 3

3.0 O PRINCÍPIO DA MUDANÇA DO VERBO *QUERER*

No latim clássico, o verbo *quaerere* significava procurar, buscar, fazer uma busca ou investigação, informar-se, fazer um inquérito, procurar saber, procurar obter e obter, adquirir. Este verbo era biargumental e projetava sobre seu sujeito o papel temático de controlador e, por isso, selecionava um sujeito [+humano/]. Na sua origem não havia, porém, marcas de volição. Segundo Módolo (2004: 99-100), no português arcaico o verbo *querer* continuava com estrutura biargumental, mas adquire o caráter volitivo, passando a ter o sentido de “desejar”. Para Silva Neto (1988:259-260 *apud* MÓDOLO (2004)), o caráter volitivo adquirido por *querer* parece explicar-se por um processo metafórico: só se procura aquilo que se deseja. Silva Neto ainda salienta que esse traço volitivo se hipertrofiou em relação aos demais traços do verbo. Podemos identificar aqui, o início do processo de mudança do verbo *querer*, o qual progrediu significativamente.

Para descrever esse processo à luz da gramaticalização, levamos em consideração as propostas elaboradas pelos lingüistas Heine (1993), Hopper e Traugott (1993) e Castilho (1997), para a identificação dos graus de gramaticalização de verbos. Propostas estas, que se resumem:

- 1) Nos estágios postulados por Heine (1993), em que os verbos são caracterizados da seguinte maneira:
 - a) estágio 1 e 2: lexemas, verbos plenos;
 - b) estágio 3: quase-auxiliares, concatenativos;

- c) estágios 4 e 5: auxiliares;
- d) estágio 6: auxiliares ou afixos;
- e) estágio 7: afixos ou flexões.

2) O *continuum* de Hopper e Traugott (1993), que prevê o deslizamento funcional do verbo: verbo pleno > verbo auxiliar > clítico > afixo > zero.

Para a compreensão da evolução desse *continuum* entende-se que:

O verbo pleno funciona como núcleo do predicado, possui valor lexical e expressa ações, fatos ou fenômenos da natureza. O verbo auxiliar acompanha o verbo pleno numa construção perifrástica e assume funções como:

- a) marcar categorias gramaticais de aspecto, modo, número, pessoa, tempo e voz;
- b) expressar noções semânticas mais gerais, abstratas;
- c) exercer funções textual-discursivas;
- d) de ser suportes de categorias verbais, sendo a situação expressa pelo verbo principal.

Quanto aos estágios categoriais clítico, afixo e zero, estes estão relacionados à morfologização e à fonologização.

3) Na divisão de verbos proposta por Castilho (1997):

- a) verbos Plenos: funcionam como núcleos do predicado e possui seu conteúdo nocional;
- b) verbos Funcionais: transferem o papel de núcleo do predicado para os constituintes à sua direita. Para ele, este caso envolve verbos de ligação, marcadores temporais, operadores argumentativos, marcadores conversacionais, etc.

- c) verbos Auxiliares: acompanham verbos nucleares na forma nominal, aos quais atribuem as categorias de número e pessoa, tempo e modo¹⁰.

Em análises preliminares, já havíamos constatado que o verbo *querer*, em nossos dados, apresentavam-se de acordo com os estágios 1, 2 e 3, onde caracterizam verbos plenos e semi-auxiliares. Porém, observamos que entre os verbos que representavam cada um desses estágios havia variedade de uso. Além disso, encontramos uma outra forma do verbo *querer* (como marcador discursivo), não prevista na classificação de Heine. Assim, com o intuito de apreendermos as funções desempenhadas por *querer*, agrupamos nossos dados nos seguintes padrões funcionais de uso: *querer* como verbo pleno; *querer* como verbo semi-auxiliar e *querer* como marcador discursivo. Esse último uso, será melhor explicitado no capítulo seguinte. Por hora, o que pretendemos é mostrar as diferentes funções gramaticais desempenhadas pelo verbo *querer* e as diferenças de usos existentes dentro de uma mesma função gramatical.

3.1 Os padrões funcionais do verbo *querer*

Querer como verbo pleno

Querer 1

{verbo pleno + complemento nominal (concreto)}

(1) desempregado... porque é mais difícil **querer** um diretor de empresa.(D2- SP-360)

(2) intão u pessual é meu descansadu elis **qué** um terrenu... mais qui venha na mão deli

(POP-BA 23 a)

¹⁰ Castilho (1997) acrescentou para este caso a possibilidade de apresentarem também as categorias de aspecto, voz, ou ainda outros valores.

(3)... eu **queria** então uma família grande. (D2-SP-360)

(4)... eu ia comprá uma maçã lá eli **quiria** déiz dozi mil uma maçã (POP-SP-24 a)

Aqui, deparamo-nos com um tipo de uso, o qual Heine chama de Estágio 1: onde os verbos possuem significado lexical pleno, subcategorizando SN, e seus complementos referem-se a objetos concretos, pertencentes tanto à classe dos seres animados (humanos), como à classe dos seres inanimados (objetos). Quanto ao seu valor semântico, em (1), querer equivale a “precisar de”; em (2) e (3) desejar; e em (4) pedir.

Querer 2

{ verbo pleno + complemento nominal (abstrato)}

(5)... si **quisé** um bem dus filhu... futuramenti tem qui sê enérgicu. (PBPOP-SP)

(6) eu num **queru** mais dendi casa (PBPOP-SP-24)

Nesse caso, o complemento do verbo não se refere a objetos concretos, mas abstratos, embora o verbo ainda possua significado lexical pleno. Notamos que a natureza dos complementos difere, uma vez que no exemplo (5) temos manifestado a condição do desejo quanto ao estado do sujeito pertencente ao complemento. Já o exemplo (6), diz respeito ao desejo de que uma ação se realize. Considerando que a informação diz “num queru”, nesse caso, o desejo é de que a ação não se realize. Aqui, identificamos o Princípio de Divergência, postulado por Hopper (1991), pois temos uma forma de etimologia comum, com diferentes funções. O que de mais interessante notamos nesse último exemplo, é que o verbo *querer* apresenta-se como pleno, porém, ao observá-lo semanticamente, vemos que fica subentendido outro verbo:

(7) eu num **queru** mais (**que entre, venha, fique**) dendi casa (POP-SP-24)

Nesses exemplos, querer pode ser compreendido como: em (5) desejar, e em (6) permitir/admitir.

Querer 3

{ verbo pleno + que }

(7) intão eu tivi dois filhu aqui avi maria num **queru** que elis cria aqui não. (PBPOP-SP-10b)

(8) mais meu filhu... num **quis** qui eli brigava (PBPOP-SP-24 a)

(9)... agora a sinhora **quiria** qui eu falassi sobri u governu? (PBPOP-SP-17^a)

O terceiro tipo de construção com o verbo *querer* pleno, equivale ao segundo estágio de gramaticalização proposto por Heine, este vem acompanhado de “que” como conjunção integrante, a qual inicia orações subordinadas substantivas. As orações subordinadas exercem a mesma função que um substantivo na estrutura sintática da frase, e, nos casos encontrados, exercendo a posição de objeto direto. Semanticamente, o verbo querer corresponde a desejar nos exemplos (7) e (9), e concordar, no exemplo (8).

Querer como semi-auxiliar

Querer 4

{ perífrase de verbo semi-auxiliar + verbo pleno + sintagma nominal }

(10)... eu hesito em pôr no balé mas eu vou ter que pôr sabe? éh não **quis** pô-la até agora .mas ela é muito quebradinha. (D2-SP-360)

(11) eu não **quero** ser radical aqui não é? (EF- RE- 337)

(12) minha minina mesmu fala “ah mãe eu **queru** morá numa casa. (POP- SP-10b)

(13) num **queru** vê eli sofreru né? (POP- BA 23 a)

Essa forma de uso já apresenta características do Estágio 3, onde o verbo semi-auxiliar está fortemente associado a um verbo principal, ambos referindo-se ao mesmo tempo.

O verbo *querer* semi-auxiliar é o resultado de um processo de gramaticalização em que sua significação lexical passa a ser gramatical, fornecendo informação de modo. Nesse caso, ele acompanha outro verbo, que detém a significação do processo, evento ou estado, o qual vem a ser o verbo principal da oração. O que ocorre com este tipo de uso do verbo *querer*, corresponde ao que Hopper (1991), chama de Princípio de Descategorização, ou seja, os itens em gramaticalização assumem funções de nova categoria. Nos exemplos que encontramos do padrão funcional semi-auxiliar + pleno + sintagma nominal, constatamos que os verbos dizem respeito ao mesmo sujeito e o complemento possui caráter adverbial variado (tempo, lugar, modo). O verbo *querer*, nos exemplos (10), (12), e (13), correspondem a desejar e no exemplo (11) a “ter a intenção de”.

Querer 5

{perífrase de verbo semi-auxiliar + verbo pleno com elemento interveniente}

(14)... e ela teve dificuldade no início mas parece-me que agora é porque ela **queria** sozinha fazer tudo sabe? (D2-SP-360)

(15) ... é difícil saber se teria sido consequência de tradição oral... ou se efetivamente eles com a preocupação de **querer** éh... fazer parecer que conhecem efetivamente mais do que conhecem... (D2-RE-05)

(16) e nessa ocasião então ele me perguntou se eu não **queria** me profissionalizar. (D2-SP)

(17) tem genti qui **qué** já chegá i já sê atendidu num é assim (POP-BA-14^a)

No segundo caso de semi-auxiliar que temos, a perífrase verbal apresenta elementos intervenientes de diferentes tipos. Encontramos, intercalados aos verbos das perífrases dos exemplos acima: adjetivo, marcador discursivo, pronome e advérbio.

Para Heine (1993), quanto mais um verbo de uma perífrase está gramaticalizado, mais está vinculado ao seu principal e quanto mais forte se torna este vínculo, maior é a integração entre os dois verbos, até se tornarem uma única palavra. Por outro lado, uma pausa entre as formas verbais revela menor grau de integração, pois mostra que ainda não constituem uma unidade semântica e sintática. Semanticamente, o verbo *querer* equivale a: *desejar* nos exemplos (14), (16) e (17); e a “ter a intenção de” no exemplo (15).

***Querer* como marcador discursivo**

Querer 6

{ marcador discursivo (querer + dicendi dizer) + que }

(18) porque eles comem bastante coisa realmente... **quer dizer** que então é demorado (D2-SP-360)

Querer 7

{marcador discursivo (querer + dicendi dizer) + então }

(21) mas gostaria demais de ter tido... mais irmãos... porque quando... com meu irmão eu já já tinha curso universitário já já tinha saído da faculdade **quer dizer então** não tem quase vantagem nenhuma não é (D2-SP-360)

(22) ou então ela se dedica exclusivamente...à dona de casa e à mãe e aí com prejuízo da carreira...**quer dizer então** eu acho uma carreira boa para mulher (D2-SP-360)

(23) e o número realmente é pequeno... de pessoas que sabem bem...que estão há bastante tempo no ramo... **quer dizer** então vai diminuindo (D2-SP-360)

Assim com a forma anterior (quer dizer que), a forma “quer dizer então” atua no plano discursivo, inclusive com sentidos equivalentes. Pode ser substituída por “ou seja”, Os exemplos semanticamente correspondem às locuções conjuntivas subordinativas consecutivas e além dessas, também às conjunções e locuções conjuntivas coordenativas conclusivas. Observamos ainda que, aqui, no caso de extrairmos o marcador discursivo “quer dizer”, o seqüenciador “então” deveria permanecer, já que se mostra essencial para compreensão do enunciado.

Querer 8

{marcador discursivo (querer + dicendi dizer) + sintagma nominal }

(24) e para não dizer... que em certas ocasiões... seria muito rebuscada... e lindíssima...
quer dizer uma lógica de ferro... (EF-RE-337)

(25) ...de vinte mil a doze mil... **quer dizer** praticamente oito mil anos... (EF-SP-405)

(26) no fim todo mundo conhece todo mundo **quer dizer** dentro da... dentro da área específica (D2-SP-360).

Nesse padrão funcional, o verbo querer como marcador discursivo, acompanhado de sintagma nominal abarca uma maior gama de sentidos, pois além de introduzir conclusão no exemplo (25), (como nos casos anteriores “querer” 6 e7), parafraseáveis pelas conjunções e locuções conjuntivas conclusivas e consecutivas, introduz também, explicação no exemplo (24), a qual corresponde à expressão “ou seja” e retificação no exemplo (26). Notamos também que, no exemplo em que “quer dizer” se trata de uma retificação, a correspondência de sentido já é outra, equivale a “ou melhor”.

Querer 9

{ marcador discursivo (querer + dicendi dizer) + orações }

(27) isso com cinco anos heim calcula o que me espera mais tarde ((risos))... **quer dizer** o que espera por ele) (D2-SP-360)

(28) mais tem quem diga que não que sociologia do direito é estudada por quem faz ciência social... sociologia jurídica: quem estuda são os jurídicos **quer dizer**...eu fico com::...com quem diz que... é igual... é igual (EF-RE-337)

O uso de querer como marcador discursivo, seguido de sintagma nominal, apresenta como característica, assim como a forma anterior, a possibilidade de representar

semanticamente conceito de retificação, como no exemplo (27), onde o marcador *quer dizer* corresponde a "ou melhor"; e conceito de conclusão/ conseqüência no exemplo (28), de forma que admite a substituição pelas conjunções e locuções conjuntivas conclusivas/consecutivas, além da expressão "ou seja".

Para analisarmos os padrões funcionais do verbo *querer*, fez-se necessária a verificação do seu comportamento tanto sintático quanto semântico a fim de apreendermos suas diferenças. No entanto, para explicitarmos o processo de mudança semântica de acordo com o *continuum* de abstratização sugerido por Heine (1991), foi preciso incluir outra análise semântica, a qual passamos a apresentar.

3.2 Os valores Semânticos do Verbo *Querer*

Para iniciarmos nossa análise quanto aos valores semânticos do verbo *querer*, buscamos no Dicionário Houaiss de Língua Portuguesa (2001), suas acepções e deparamo-nos com um total de vinte e sete, e as relacionamos abaixo:

1. ter o desejo ou a intenção (de); tensionar, projetar;
2. desejar que (alguém) esteja ou desejar estar em determinada situação, posição, estado;
3. desejar com especial interesse, aspirar, pretender;
4. fazer tensão de; ensaiar; tentar; procurar;
5. ter em mente (como objetivo) quanto a: pretender, desejar;
6. decidir-se por; gostar mais;
7. ter apetite de (comida);
8. ter simpatia, amizade, afeto;

- 8.1 sentir-se apaixonado por/ e ou sentir atração física;
9. prestar culto ou ter veneração, adorar;
10. determinar de modo incisivo, exigir, ordenar;
11. manifestar a própria vontade;
12. dar consentimento, consentir, permitir;
13. estar de acordo em , anuir a;
14. reclamar em direito legítimo ou suposto, exigir.
15. ter necessidade de, requerer, exigir;
16. dispor-se a; ter a bondade de;
17. desejar que alguém chegue a determinada posição;
18. afirmar por um ato de julgamento voluntário, julgar;
19. estar na iminência de ou ter possibilidade de; ameaça;
20. em frases negativas, como verbo auxiliar de aspecto no sentido de não conseguir, não ter êxito na realização de alguma ação;
21. em frases interrogativas acerca de algo (elíptico na frase);
22. ato ou efeito de querer, desejo;
23. firme intento, vontade;
24. quer dizer 1): ter a intenção de dizer;
24. quer dizer 2): ter o significado de, dar a entender, equivaler a ;
24. quer dizer 3): em frases interrogativas, cujo complemento é uma oração subordinada, funciona como pedido de explicação de algo dito ou subentendido;
24. quer dizer 4): sem sujeito ou complemento, explica melhor ou emenda algo referido.

Dessas vinte e sete acepções, identificamos nos dados do *Corpus* dezoito delas. Reunimos então os exemplos por acepção, com o intuito de observarmos melhor suas nuances:

Acepção 1: ter o desejo ou a intenção (de); tensionar, projetar

(1)... eu hesito em pôr no balé mas eu vou ter que pôr sabe? éh não **quis** pô-la até agora .mas ela é muito quebradinha. (D2-SP-360)

(2) eu não **quero** ser radical aqui não é? (EF- RE- 337)

Acepção 2 e 17¹²: desejar que (alguém) esteja ou desejar estar em determinada situação, posição, estado

(3) eu já **queru** vê a sinhora filiz... contenti (POP-BA 23 a)

(4) num **queru** vê eli presu (POP-BA 23 a)

(5)... **queru** u meus fiu bem a vontadi... (POP-PE)

Acepção 3: desejar com especial interesse, aspirar, pretender;

(6) tanto que quando eu morrer **quero** ser cremado e as cinzas jogadas no Capibaribe. (D2- RE- 05)

(7)... si eu tivessi um bom dinheru eu tinha um sonhu eu **quiria** vortá pra lá... mais sem dinheru num voltu...(POP-SP-17a)

Acepção 4: fazer tenção de, ensaiar, tentar, procurar

¹² Não identificamos nenhuma diferença entre essas duas acepções, por isso vamos considerá-las equivalentes.

(8)... e ela teve dificuldade no início mas parece-me que agora é porque ela **queria** sozinha fazer tudo sabe? (D2-SP-360)

(9)... **quiria** pôr eli na linha né? (POP-SP-24a)

(10) aquilo era uma coisa meio escandalosa...e eles então **queriam** mostrar um tipo de teatro novo...em que o autor fosse respeitado... (D2-SP)

Acepção 5: ter em mente (como objetivo) quanto a pretender, desejar

(11) ... é difícil saber se teria sido conseqüência de tradição oral... ou se efetivamente eles com a preocupação de **querer** éh... fazer parecer que conhecem efetivamente mais do que conhecem... (D2-RE-05)

(12) ... se eu **quero** criar uma réplica da realidade... um duplo animal que eu **quero** caçar qual é o único estilo que eu posso usar? (EF-SP-405)

Acepção 6: decidir-se por, gostar mais

(13)... eu **queria** então uma família grande. (D2-SP-360)

(14)... a função dela é me ajudar com eles... mas eles não aceitam o menino... e a menina porque **quer** que a mamãe faça né? (D2-SP-360)

Acepção 8: ter simpatia, amizade, afeto

(15) a genti fica **querendu** bem né? (POP-SP-24)

Acepção 10: determinar de modo incisivo, exigir, ordenar;

(16)... dmingu tamém eu ia trabalhá purque... as patroa trabalhava tamém... i **quiria**
qui a genti tivessi presenti pra falá as coisa comu qui era. (POP-SP-24 a)

Acepção 11: manifestar a própria vontade

(17)...fazer o papel? eu digo **quero**... (D2-SP)

Acepção 12: dar consentimento, consentir, permitir

(18) mais meu filhu... num **quis** qui eli brigava (POP-SP-24 a)

(19) “mãe... a professora num **qué** qui eu olho pa trais” (POP-NE-16 b)

(20) assim a genti vai levanu até... quandu deus **quisé** (POP-BA-14 a)

Acepção 13: estar de acordo em, anuir a;

(21)... a gente começa pelo salgado e termina pelo doce e finalmente “por favor me dá a conta” um pouco constrangido às vezes num é? não **querendo** muitas vezes até pagar... mas... num é? solicitando a conta... (EF-RE-337)

(22).. i quem num **quiria** lutá... precisava í... (POP-SP-24 a)

Acepção 14: reclamar em direito legítimo ou suposto; exigir;

(23) todú lugar qui ela sai elis **qué**... í juntú cum ela (POP-BA-14 a)

Acepção 15: ter necessidade de, requerer, exigir;

(24)... eu **quero** falar com o zé da silva (D2-SP-360)

(25)... a própria firma quando se gosta do atendimento quando **quiser** vai procurar essa firma porque foi bem atendido (D2-SP-360)

Acepção 16: dispor-se a; ter a bondade de;

(26)... por favor **quer** me dar uma pastel de nata (EF-SP-405)

(27)... eli num **quiria** í na guerra eli era obrigadu (POP-PE)

Acepção 18: afirmar por um ato de julgamento voluntário, julgar

(28) eu **quiria** vê quem é qui ia robá (POP-BA-18b)

(29) amanhã eli si arrependi ta trabalhandu aí eu **queru** vê si a pessoa é ruim (POP-BA 23 a)

Acepção 20: em frases negativas, como verbo auxiliar de aspecto no sentido de não conseguir, não ter êxito na realização de alguma ação;

(30) como a gente tá num papo que vai demorar um pouquinho de tempo que não adianta mesmo a gente **querer** alinhavar a conversa né? (D2-SP-360)

Para a construção “*quer dizer*”, o dicionário Houaiss da Língua Portuguesa (2001) apresenta quatro diferentes acepções: 1) ter a intenção de dizer; 2) ter o significado de, dar a entender, equivaler a ; 3) em frases interrogativas, cujo complemento é uma

oração subordinada, funciona como pedido de explicação de algo dito ou subentendido;

4) sem sujeito ou complemento, explica melhor ou emenda algo referido. A princípio, apresentaremos exemplos das construções com *quer dizer* presentes no *corpus* de acordo com duas das acepções que constam no Dicionário Houaiss (2001), porém, trataremos de forma mais detalhada esses casos no Capítulo 4.

Quer dizer 2: ter o significado de, dar a entender, equivaler a;

(31) eram doze agora são onze... **quer dizer** somos famílias grandes e ...então... acho que dado esse fator nos acostumamos a muita gente (D2-SP-360)

(32) mas gostaria demais de ter tido... mais irmãos... porque quando... com meu irmão eu já já tinha curso universitário já já tinha saído da faculdade **quer dizer** então não tem quase vantagem nenhuma não é? (D2-SP-360)

Quer dizer 4: sem sujeito ou complemento, explica melhor ou emenda algo referido;

(33) e ainda agora que estão todos maiores **quer dizer** cada um fica mais ou menos responsável por si (D2-SP-360)

(34) o café é muito demorado... muito complicado **que dizer** até eles comerem todas as coisas que fazem... (D2-SP-360)

(35) é o horário normal deles... sete sete e meia que seis e meia da manhã... **quer dizer** é o horário normal que eles acordam inclusive em férias (D2-SP-360)

A tabela a seguir mostra os resultados estatísticos relativos às acepções do verbo querer no corpus pesquisado:

Tabela 3. Resumo das Acepções de *Querer*

Acepção	SIGNIFICADO	D2	EF	PBPOP	TOTAL
1	Ter o desejo ou a intenção (de), tensionar, projetar.	1	4	7	12
2 e 17	Desejar que (alguém) esteja ou desejar estar em determinada situação, posição, estado.	4	0	4	8
3	Desejar com especial interesse, aspirar, pretender.	1	0	4	5
4	Fazer tenção de, ensaiar, tentar, procurar.	3	1	4	8
5	Ter em mente (como objetivo) quanto a pretender, desejar	7	4	20	31
6	Decidir-se por, gostar mais.	6	3	5	14
8	Ter simpatia, amizade, afeto.	0	0	1	1
10	Determinar de modo incisivo, exigir, ordenar.	0	0	4	4
11	Manifestar a própria vontade.	2	0	0	2

12	Dar consentimento, consentir, permitir.	0	0	3	3
13	Manifestar a própria vontade.	2	0	0	2
14	Reclamar em direito legítimo ou suposto, exigir.	0	0	2	2
15	Ter necessidade de, requerer, exigir.	7	0	4	11
16	Dispor-se a, ter a bondade de.	2	3	9	14
18	Afirmar por um ato de julgamento voluntário, julgar.	0	0	3	3
20	Em frases negativas, não conseguir, não ter êxito.	1	0	0	1
Quer dizer 2	Ter o significado, dar a entender, equivaler a.	23	4	20	47
Quer dizer 4	Explicar melhor ou emendar algo referido.	25	13	32	66

Observamos com este levantamento, a predominância do uso de algumas acepções. Nosso intuito aqui era descobrir com qual (is) significado (s) o verbo *querer* vinha sendo empregado com maior frequência e que diferenças apresentariam os exemplos encontrados com a mesma acepção. O resultado que obtivemos foi da predominância do verbo *querer* na construção *quer dizer* (do tipo quatro).

Para verificarmos os diferentes estágios/graus de gramaticalização que eles representam, passamos a descrevê-los de acordo com alguns critérios. Observamos que, comparados aos números levantados nas outras acepções, estes mostraram-se relevantes não só no seu resultado final, mas também distribuídos nos tipos de amostras.

3.2.1 Graus de Abstratização de *Querer*

Realizamos a análise dos valores semânticos do verbo *querer* de acordo com o *continuum* de abstratização estabelecido por Heine et al. (1991), o qual serve para medir o grau de gramaticalização de um item, considerando que quanto mais abstrato é o seu sentido, mais gramaticalizado ele está. Esse *continuum* é representado por uma escala cujos elementos são: PESSOA > OBJETO > PROCESSO > ESPAÇO > TEMPO > QUALIDADE. Para esta análise, não consideramos as construções em que o verbo constitui-se marcador discursivo, pois para estes casos é necessário dar tratamento específico, o que faremos no Capítulo 4. Assim, temos nesta análise dados em que o verbo *querer* constitui-se pleno ou semi-auxiliar, o que corresponde a praticamente metade do *corpus*¹³.

¹³ A outra metade corresponde aos dados em que o verbo é empregado como marcador discursivo. Vide Capítulo 6.

Ao estabelecer as características do estágio 1, dentre os que foram postulados para a identificação dos graus de gramaticalização, Heine (1993), o apresenta como o estágio das fontes concretas, em que os verbos têm seu significado lexical pleno e seus objetos referem-se tipicamente a um objeto concreto. Já no estágio 2, o complemento do verbo é uma situação dinâmica, preferencialmente a uma entidade da natureza dos objetos concretos. Para o autor, nesse caso os itens em gramaticalização vêm associados a outros. Assim, para identificarmos os graus de abstratização do verbo *querer*, consideramos seus complementos, e chegamos aos seguintes resultados:

Detectamos que os dados representam quatro níveis. Vejam:

Tabela: 4. Resultado da análise dos Graus de Abstratização do verbo *Querer*

Complementos que o verbo <i>querer</i> Seleciona		Exemplos
Pessoa	3	(36) porque é mais difícil querer um diretor de empresa (D2-SP-360) (37) queru u meus filhu bem a vontadi. (PBPOP-PE) (38) eu queria então uma família grande (D2-SP-360)
Objeto	2	(39) intão u pessual é meio descansadu elis qué um terrenu...(PBPOP-BA-23 a) (40) eu ia comprá uma maçã lá eli quiria deiz, dozi mil uma maçã (PBPOP-SP-24 a)
		(41) tanto que quando eu morrer quero ser cremado e as cinzas jogadas no Capibaribe. (D2- RE- 05) (42) é verdadi... si quisé morá num lugar bem diferenti

Processo	114	tem qui alugá casa. (POP-SP-10b) (43) é eu já quis iscrevê até pu pru globu rural (POP-NE-20 a)
Qualidade	4	(44) eu não quero ser radical aqui não é? (EF- RE- 337) (45) si quisé u bem dus filhu...futuramenti tem qui sê enèrgicu (PBPOP-SP) (46) elis num qué tê ética... a ética delis é só sabê a vida particular...intendi? (PBPOP-RE-23 b)

Como resultado deste levantamento temos que o verbo *querer* apresenta, na escala proposta por Heine et al.(1991), quatro diferentes graus de gramaticalização medidos pela abstratização dos complementos que seleciona, os quais podemos representar gradualmente pelos elementos: pessoa > objeto > processo > qualidade. Há, porém uma relevante diferença entre o elemento processo, com relação aos demais, pois representa 93% dos dados. O fato de o verbo *querer* não representar os elementos espaço e tempo, também presentes na escala proposta pelo autor, tem a ver com as características dos auxiliares modais, que diferentemente dos outros, não apresentam essas informações. Sendo assim, podemos dizer que esse verbo percorreu toda a escala de abstratização de itens lingüísticos que foi proposta.

3.2.2 Os valores modais do verbo *querer*

Um verbo auxiliar ativa propriedades gramaticais, relacionadas a pessoa, número, tempo aspecto e modo. O verbo *querer* não se trata, como já vimos anteriormente, de um verbo auxiliar prototípico, mas de um semi-auxiliar¹⁴, que ativa propriedades relacionadas ao modo. Podemos chamá-lo, nestas circunstâncias de semi-auxiliar modal. O estudo dos verbos modais é extenso e complexo. Em sua essência, são verbos auxiliares que modificam outros verbos, podendo expressar: possibilidade, hipótese, autorização/permissão, conselho, proibição, sugestão, necessidade, manipulação, obrigatoriedade, volição, etc. Ao analisarmos nossos dados, percebemos que, além de volição (conceito adquirido pelo verbo *querer* ainda no português arcaico), esse verbo expressa outros conceitos, os quais foram computados e apresentaram os seguintes resultados:

Tabela 5. Resultado da Análise dos Valores Modais do Verbo *Querer*

Valor Modal	Quantidade de Ocorrências	Exemplos
Manipulação	5	(47) quiria pôr eli na linha né? (PBPOP-SP-24 a) (48) i quiria qui a genti tivessi presenti pra falá as coisa comu qui era (PBPOP-SP-24 a) (49) ele queria que o homem fosse gordo...então eu usava um enchimento (D2-SP) (50) por favor quer me dar um pastel de nata (EF-SP-405)

¹⁴ Vide página 35

		(51) eu acho que ele vem na contramão da academia queria que a senhora falasse um pouco disso (EF-SP)
Permissão	2	(52) assim a genti vai levanu até quando deus quisé (PBPOP-BA-14 a) (53) aqui você num qué dexá um filhu seu í di qualqué jeitu na iscola (PBPOP-BA-14 a)
Necessidade	5	(54) a própria firma quando se gosta do atendimento quando quiser vai procurar essa firma porque foi bem atendido (D2-SP-360) (55) tem secretária que querem saber o porquê o motivo que quer falar com aquela pessoa (D2-SP-360)
Hipótese	1	(57) no segundo dia da sua estadia...todo mundo que chega num lugar muito exótico quer sair de manhã...nos arredores do hotel né? (EF-SP)
Possibilidade	1	(58)a matéria... eu to querendo terminar ta certo? (E.F)
		(59)... a gente começa pelo salgado e termina pelo doce e finalmente “por favor me dá a conta” um

Volição	103	pouco constrangido às vezes num é? não <i>querendo</i> muitas vezes até pagar... mas... num é? solicitando a conta... (EF-RE-337) (60)... i quem num quiria lutá... precisava í... (POP-SP-24 a) (61)... quandu apagô a luiz falei “vamu imbora daqui num queru ficá aqui não... lugar isquisitu”. (PBPOP-SP-10 b) (62) mudá... achu qui num vão querê mudá (PBPOP-SP-10 b)
---------	-----	---

Desta análise, que tivemos como objetivo identificar os valores modais do verbo *querer* levantamos que em nossos dados, ele apresentou seis valores, os quais exprimem conceitos de: manipulação, permissão, necessidade, hipótese, possibilidade e volição. Destes, 84% corresponde a conceitos de volição, o que caracteriza o Princípio de Persistência, postulado por Hopper (1991), que se trata de uma tendência à manutenção de traços semânticos antigos em formas gramaticalizadas. Nesta análise, assim como na anterior, não foram contempladas as construções com “*quer dizer*”, pois não havia em nossos dados, casos em que o verbo *querer* fosse modal, como no exemplo: “O que eu quero dizer é que pretendo ir”.

3.3 Os Usos de *Querer* nas Variedades Culta e Popular do Brasil

O Corpus selecionado para esta pesquisa é composto pelas variedades culta e popular do português brasileiro. Buscamos, com essa seleção diversa, identificar se as mesmas construções com o verbo *querer* ocorrem nos dois tipos, já que os processos de mudança lingüística podem ser constatados em qualquer modalidade. Do levantamento de dados realizado quanto aos aspectos semânticos e sintáticos, consideramos os usos mais recorrentes e os contabilizamos levando em conta o tipo de variedade onde estão inseridos. Coletamos os resultados das análises feitas de acordo com quatro critérios estabelecidos para verificar o grau de gramaticalização: O primeiro, que analisou o valor gramatical do verbo *querer*, de acordo com os estágios de gramaticalização de verbos propostos por Heine et al. (1991), com o *continuum* proposto por Hopper e Traugott (1993), e com a divisão estabelecida por Castilho (1997), apresentou a predominância do verbo como marcador discursivo, cujo complemento é um sintagma nominal, correspondendo a 50% dos dados. Do total destes, 66% dizem respeito à modalidade culta e 34% à modalidade popular da língua.

A segunda análise, que verificou o grau de abstratização do verbo de acordo com o *continuum* elaborado por Heine et al. (1991), resultou na predominância do elemento processo, equivalendo a 93% dos dados. Ao considerarmos os dois tipos de variedade (culto e popular), constatamos que, deste resultado, 40% corresponde à variedade culta e 60% à popular; O terceiro critério analisou os valores modais do verbo. Entre os que identificamos, houve predominância dos modais volitivos, representando 87% dos dados. Destes, 38% pertencentes à variedade culta e 62% à variedade popular; Uma melhor compreensão destes resultados pode ser visualizada na tabela 8:

Tabela 6. Resumo dos Resultados da Análise dos Graus de Gramaticalização do Verbo *Querer* por Tipo de Amostra:

Critério Adotado	Resultado	Modalidade	Modalidade
	Predominante	Culta	Popular
Valor Gramatical do Verbo <i>Querer</i>	Marcador Discursivo 50%	66%	34%
Grau de Abstratização do Verbo <i>Querer</i>	Processo 93%	40%	60%
Valor Modal do Verbo <i>Querer</i>	Volição 87%	38%	62%

Observamos com estes resultados, que os mesmos usos do verbo *querer* estão presentes nas duas modalidades, embora apresentando uma saliência na variedade culta para o uso como marcador discursivo, e na variedade popular para os usos como semi-auxiliar, selecionando como complemento um processo, e como semi-auxiliar, cujo valor modal é volição. Nos resultados gerais, onde constam as formas que apresentaram um número menor de usos, também constatamos as duas variedades, o que nos fez concluir que os usos de *querer*, em seus diferentes estágios ou graus de gramaticalização ocorrem nestas modalidades, da mesma maneira.

3.3.1 Os Usos de *Querer* no Português Culto Formal, no Português Culto Informal e no Português Popular

Resta-nos verificar se entre os usos do verbo *querer*, presentes na variedade Culta, a qual é composta por dois tipos de inquéritos de Elocução Formal e de Diálogos entre dois Informantes (EF e D2), considerando também a variedade popular (PBPOP), há maior restrição de alguma(a) forma(s) de uso em um dos tipos de inquéritos. Assim, fizemos a distribuição dos resultados entre Culto Formal (EF), Culto Informal (D2) e Popular (PBPOP). Pelo resultado a que chegamos com o critério anterior, já vimos que entre a modalidade culta e a popular, não houve restrição de nenhum tipo de uso. Vamos aqui, então, evidenciar possíveis restrições de usos entre os tipos de inquéritos que compõem a variedade culta. A tabela 7 mostra os resultados obtidos:

Tabela 7. Resumo dos Resultados da Análise dos Graus de Gramaticalização do Verbo *Querer* por Tipo de Inquérito:

Critério Adotado	Resultado	EF	D2	PBPOP
	Predominante			
Valor Gramatical do Verbo <i>Querer</i>	Marcador Discursivo 50%	23%	43%	34%
Grau de Abstratização do Verbo <i>Querer</i>	Processo 93%	15%	25%	60%
Valor Modal do Verbo <i>Querer</i>	Volição 87%	13%	25%	62%

Desta análise, verificamos que o verbo *querer* em Elocuções Formais foi menos selecionado do que nos Diálogos entre dois Informantes e nos Inquéritos do Português Popular. E que as formas que se mostraram predominantes quanto ao tipo de complemento selecionado (processo), e o valor modal do verbo *querer* (volição) são mais evidentes no português popular. Quanto ao uso gramatical predominante (marcador discursivo do tipo que seleciona complemento nominal), este se mostrou mais presente nos diálogos entre dois informantes.

Embora o número de ocorrências não seja correspondente entre os Inquéritos pesquisados, os tipos de usos o são, o que nos leva a crer que essa diferença entre os dados trata-se apenas de uma questão de os contextos serem mais ou menos propícios para a seleção de nosso objeto de estudo.

Por ser um caso diferente de uso do verbo, e também a forma mais recorrente nos dados que coletamos, decidimos compor um capítulo que aborde especificamente o uso do verbo *querer* como Marcador Discursivo. No próximo capítulo trataremos desse assunto.

CAPÍTULO 4

4.0 ANÁLISE DO MARCADOR DISCURSIVO *QUER DIZER*

4.1 Introdução

Ao realizarmos o levantamento dos dados de *querer* no *corpus* selecionado, observamos que a composição “quer+dizer” correspondia a mais de 50% de todos os usos encontrados. A princípio, demos a estes casos o mesmo tratamento dado a outros casos de perífrases, até percebermos ser um tipo diferente, em que *querer* não funcionava da mesma forma. Pesquisamos acerca desta construção e chegamos ao seguinte resultado: trata-se de usos como marcador discursivo. A este resultado, chegamos por meio dos estudos, os quais passamos a descrever.

4.2 O Reconhecimento de um Marcador Discursivo

Observando a fala, é freqüente encontrar elementos que não são previstos nas gramáticas normativas, tais como os denominados “marcadores discursivos”.

Os marcadores discursivos, doravante MD, (ou ‘marcadores conversacionais’, ‘operadores argumentativos’, ‘articuladores textuais’, não há consenso na literatura acerca da denominação) é um rótulo amplo que recobre construções que atuam tanto no plano textual, estabelecendo elos coesivos entre partes do texto, como no plano interpessoal, mantendo a interação falante/ouvinte e auxiliando no planejamento da fala (GORSKI et al., 2004; MARCUSCHI, 1989).

Risso, Silva e Urbano (2006), estabelecem como condição necessária para ao reconhecimento do estatuto de um MD o núcleo-piloto definidor:

- a exterioridade do MD em relação ao conteúdo proposicional;
- a independência sintática;
- a falta de auto-suficiência comunicativa;
- articulação tópica + orientação interacional (fraca/média)
- não-articulação tópica + orientação interacional forte.

São MDs verbalizados, palavras de fundo lexical (claro), gramatical (mas), locuções (quer dizer), contrações (né), reduções (tá), ou mesmo segmentos fônicos não dicionarizados (uhn uhn).

O levantamento de dados de uso do verbo *querer* como marcador discursivo (*quer dizer*), presentes no *corpus* equivalem, na variedade culta a: 60%, sendo 43% relativos aos Diálogos entre dois Informantes e 17% relativos a Inquéritos de Elocução Formal; e na variedade popular, 40% dos dados. O motivo que nos levou a realizar essa contagem foi a possibilidade de comprovar se as diferentes formas de apresentação que encontramos do verbo *querer* como MD, ocorriam em todos os tipos de Inquéritos.

As diferentes formas de apresentação de que falamos correspondem a: “**quer dizer**” e “**quer dizer que**”, presentes, tanto nos Inquéritos da variedade culta (D2 e EF), quanto nos Inquéritos da variedade popular (PBPOP) e “**quer dizer então**” presente apenas nos Inquéritos da variedade culta, do tipo D2. Ao analisarmos seus valores semânticos, percebemos que nas formas “quer dizer que” e “quer dizer então”, é o conjunto que apresenta a significação, equivalentes às conjunções e locuções conjuntivas conclusivas

(assim, por isso, logo...) e às locuções consecutivas (de forma que, de modo que, de maneira que, de sorte que). Segundo Risso (2006), “Às vezes os marcadores discursivos aparecem duplicando-se em ocorrências conjuntas como: agora então, então aí, mas aí...” o que nos permite dizer que nesse caso, **quer dizer então** corresponde ao uso duplicado de marcadores discursivos.

Para Fortes e Ferreira (2007), “quer dizer que” corresponde a significa que, que subcategoriza a oração seguinte. E apontam, nesse caso, o princípio da descategorização de Hopper (1991), já que existe uma restrição das propriedades verbais dos verbos que formam a construção. Observamos que a correspondência de sentido que eles estabelecem é outra possibilidade de termo semanticamente equivalente.

Vemos com isso, que o MD sob análise apresenta também o princípio da estratificação de Hopper (1991), já que coexiste com outras formas de mesmo valor semântico.

Para comprovarmos a exterioridade do MD, uma vez que essa é uma característica marcante nos MDs, os extraímos dos exemplos, e notamos que para a forma “quer dizer que”, a qual não se trata de uso duplicado de marcadores, haveria a necessidade de extração de todo o conjunto que forma o marcador discursivo, já na forma “quer dizer então”, o “então” pode, ou não ser excluído, sem causar prejuízo sintático ou semântico à sentença.

Veja os exemplos:

(1) ta cum novi anu qui eli ta aqui nem lá nu pernambucu num foi mais **qué dizê** qui gosta né? ...(PBPOP-BA-14 a)

(2) é impressionante o brasil ta (montado) em cima de caminhão... (tudo prá baixo e prá cima) em cima de caminhão **quer dizer** então... não tem solução mesmo (D2-SSA-98)

Em (1), se fôssemos excluir ou substituir o marcador discursivo por uma expressão de equivalência semântica, por exemplo, “ou seja”, temos que considerar a construção toda “quer dizer que”.

No exemplo (2), se fizéssemos a mesma substituição, haveria duas possibilidades: a de considerar toda a construção “quer dizer então”, ou apenas “quer dizer”.

Diante disso, consideramos correto dizer que se trata do mesmo marcador discursivo, em diferentes formas de uso. Outra observação que fizemos, é que as três formas de uso podem designar valores conclusivos, consecutivos e serem substituídos por “ou seja”, porém, a forma “quer dizer” abrange mais significados do que as outras duas formas, pois acrescenta àquelas, valores de explicação, correção além do valor de desfocalizador. Vejamos, então, os exemplos que comprovam essas constatações:

a) O marcador discursivo com valor de conclusão: (nas três formas de uso)

(3) manter contato com entidades aqui do bairro...com... os pais de alunos e tudo mais **quer dizer que** dá trabalho então é um corre -corre...durante a semana toda. (D2-SP-360)

(4) porque significa um concurso bem grande... para o preenchimento de vinte vagas... **quer dizer então** enquanto não for... não houver ES/esse projeto resolvido para o pessoal ter essa promoção...não terá concurso (D2-SP-360)

(5) ...ela supervisiona o trabalho dos cinco... porque às vezes...estão tomando banho e ficam jogando água pela janela **quer dizer** essa...é supervisora nata (D2-SP-360)

b) O marcador discursivo com valor de consequência: (nas três formas de uso)

(6) não é só de administração da casa... como de compras... todas as medidas a serem tomadas... é por conta da mãe **quer dizer que**... acaba sendo uma loucura. (D2-SP-360)

(7) o número de pessoas é pequeno... de pessoas que sabem bem que estão há bastante tempo no ramo... **quer dizer então** vai diminuindo. (D2-SP-360)

(8) tem que cada um pegar sua lancheira o menino pega a pasta porque ele já tem lição de casa **quer dizer** é uma corrida assim bárbara (D2-SP-360)

c) O marcador discursivo com valor de explicação: (somente na forma “quer dizer”)

(9) tem carreiras que seriam brilhantíssimas para a mulher.. mas aí de um dos lados teria que sofrer...**quer dizer** ou a mulher se dedica inteiramente à carreira e com prejuízo...dela como mãe como dona de casa (D2-SP-360)

d) O marcador discursivo com valor de correção (somente na forma “quer dizer”)

(10) isso com cinco anos heim calcula o que me espera mais tarde ((risos)) **quer dizer** o que espera por ele (D2-SP-360)

e) O marcador discursivo como desfocalizador

(11) o homem tem que obedecer a lei e você **quer dizer** mas se o homem faz a lei porque ele fica ele se torna escravo da lei. (EF-RE-337)

O exemplo (11) mostra o MD sendo utilizado para redirecionar o tópico conversacional. Nesse caso, há a despreferência pelo tópico que havia sido iniciado, e a informação é redirecionada.

Notamos que a forma “quer dizer”, a qual abarca um maior número de acepções, apresentava algumas diferenças que deveriam ser descritas, por isso, passamos ao estudo da construção do texto falado, que nos possibilitará uma melhor compreensão dos marcadores discursivos.

4.3 A Construção do Texto Falado

Para compreendermos como os MDs funcionam, recorreremos a pesquisas acerca da construção do texto falado. Para Castilho (1995/1998/2006), ele pode ser construído por três diferentes princípios, os quais classificou como: Princípio de Ativação ou de Projeção Pragmática; Princípio de Reconstrução ou Reativação; e Princípio de Desativação ou do Silêncio .

4.3.1 Princípio de Ativação ou Projeção Pragmática

Durante uma atividade de comunicação, tentamos prever os movimentos verbais do interlocutor (se a comunicação está em curso, se terminou o turno, se devemos tomar a palavra). As palavras, sintagmas e sentenças utilizadas para construir um turno projetam a próxima unidade, de modo que antecipa a atuação verbal do interlocutor, ativando propriedades lexicais, semânticas, gramaticais e discursivas. Na ativação lexical, ocorre o movimento mental de escolha das categorias cognitivas e de seus traços semânticos que se agruparão nas palavras. A ativação semântica diz respeito à criação dos

significados de que resultam as categorias da dêixis/foricidade, de referenciação, da predicação, da verificação e da conexidade. A ativação das propriedades gramaticais é responsável pela construção dos sintagmas e das sentenças, pela ordenação dos constituintes, pela concordância, pela organização da estrutura argumental, etc. No discurso, o princípio de ativação produz a hierarquização dos tópicos, a construção das unidades discursivas e sua conexão.

4.3.2 Princípio de Reconstrução ou Reativação

É comum termos de mudar o rumo no curso de uma conversação, pela necessidade de fazer uma autocorreção, uma correção ao enunciado produzido pelo interlocutor, ou ainda desenvolver de maneira mais clara o que já foi apresentado. A reativação do léxico se dá com o movimento mental por meio do qual rearranjamos as propriedades lexicais e as palavras que as representam, renovando o léxico. Na reativação semântica, há uma alteração de sentido que se adequa à representação dos objetos e dos eventos. Na gramática a reativação produz a poligramaticalização¹⁵ e a reanálise¹⁶. E, no discurso, promove a repetição dos enunciados, para sua correção ou parafraseamento, os quais não de assegurar a coesão do texto e alterar seu eixo argumentativo.

4.3.3 Princípio de Desativação ou Princípio do Silêncio

Quando o princípio de projeção pragmática é violado, ou seja, quando ocorre a despreferência da verbalização esperada, optou-se pelo princípio de desativação. Isso ocorre, por exemplo, ao responder uma pergunta com outra pergunta, quando o interlocutor silencia, ou ainda, quando se muda de assunto, criando na conversação um

¹⁵ A Poligramaticalização ocorre quando uma forma assume múltiplas funções gramaticais.

¹⁶ Reanálise é a criação de novas formas gramaticais como pertencentes a uma categoria diferente da original (Gonçalves et al. 2007:50)

vazio pragmático. Neste caso ocorre o abandono de propriedades que estavam sendo ativadas. A desativação lexical ocorre quando determinadas palavras não são mais selecionadas para o discurso. Isso acontece de maneira gradual, inicialmente num processo de variação em que uma das variantes assume um valor mais geral, enquanto a outra é mais específica. Com o tempo, tende a ser consumada uma substituição. A desativação semântica tem a ver com as alterações de sentido provocadas pela metáfora, metonímia, especialização e generalização, por meio dos quais apagamos o sentido original das palavras, ativando novos sentidos. Na gramática, a desativação é responsável pela categoria vazia, que podemos exemplificar como a erosão fonética e a omissão no núcleo silábico (na Fonologia); o morfema flexional zero (na Morfologia); a elipse de constituintes sentenciais ou categoria vazia (na Sintaxe).

Esses princípios que Castilho propõe operam, segundo ele, simultaneamente, já que possuem propriedades de cada um dos subsistemas da língua apresentados (léxico, semântica, gramática e discurso).

Dentre os princípios de construção do texto falado, observamos que nosso objeto de estudo pode ser explicado pelo princípio denominado Princípio de Reconstrução ou Reativação, o qual promove, no discurso, a repetição dos enunciados para sua correção ou parafraseamento, com o intuito de assegurar a coesão do texto e alterar seu eixo argumentativo. Assim, iniciamos a análise mostrando como o marcador discursivo se apresenta com a função de correção.

4.4 Os processos de correção

De acordo com Fávero, Andrade e Aquino (2006:256), “ Entre as estratégias de reativação do texto falado encontra-se a correção. É possível observar as atividades de processamento textual nas quais não há evidência de “problemas” de formulação e de linearização, e um outro tipo em que há evidência desses problemas e é preciso resolvê-los”. Para elas, esses “problemas” constituem-se de:

- a) hesitações (quando são captados durante a formulação, isto é, on line, caracterizando-se por seu aspecto prospectivo, já que tem como escopo algo que vem depois;

Exemplo: (12) ... mas eu li quer dizer um projeto que eu vi acabarem inclusive naquele viaduto do rio doce (D2-SSA-98)

- c) refrasagens (repetição de uma estrutura léxico-gramatical, quando o “problema” é captado após sua formulação, isto é, ele é textualmente manifestado e dá-se, então, uma reformulação, que apresenta um aspecto retrospectivo, tendo como escopo um elemento anterior.

Exemplos: (13) isso com cinco anos heim calcula o que me espera mais tarde...quer dizer o que espera por ele (D2-SP-360)

(14) nós vamos encontrar os produtos galactófagos...quer dizer...os produtos galactófagos são encontrados...na porção central de coloração branca (EF-RE-337)

(15) mais lá achu qui num é da prefeitura né? **qué dizê**...é da prefeitura mais num foi a prefeitura qui troxi né? (PBPOP-SP-10 b)

(16) hoji eu num plantu mais u feijão purque...inchi di...di banana i laranja bastanti...**qué dizê**...num é muita...eu inchi u terreno di uma coisa i outra...plantei novi romã... (PBPOP-BA-18 b)

4.5 O marcador discursivo quer dizer em construções Parafrásticas

Para Hilgert (2006), “A paráfrase é uma estratégia de construção textual, por meio da qual novos enunciados remetem, no curso da fala, a enunciados anteriores, modificando-os parcial ou totalmente. Ela sempre implica algum deslocamento de sentido, concorrendo para a progressividade textual”. Em Fuchs (1994), temos que a relação semântica que se estabelece entre o enunciado-origem (matriz) e o enunciado reformulador (paráfrase) é equivalente, entendida como um parentesco semântico que pode manifestar-se em grau maior ou menor, nunca porém em equivalência absoluta. Em 1983, Gulich e Kotschi estabeleceram o critério de predicação de identidade, que consiste em compreender os enunciados produzidos (matriz e paráfrase) como idênticos. Nesse caso, as relações semânticas seriam predicadas pelo enunciador a cada momento da interação, com o objetivo de assegurar a compreensão desejada. Os mesmos autores, em 1987, redefinem a paráfrase como menos abrangente (mais específica) que a matriz (mais genérica).

Disso, Hilgert (2006), diz: “Admitindo que a paráfrase mantém com o enunciado matriz um parentesco semântico, descarta-se a plena equivalência semântica entre os dois enunciados. O que há entre eles é um grau de equivalência, o qual pode estender-se de uma equivalência forte a uma equivalência fraca”.

A construção da paráfrase pode caracterizar expansão parafrástica ou redução parafrástica:

- **expansão parafrástica** (quando o falante dá explicações definidoras, levando à precisão e especificação das informações dadas),

Exemplos:

(16) durante o último período seco... teriam ocorrido uma expansão totalizante...quer dizer...não entrou um clima do tipo semi-árido nordestino (EF-SP)

(17) convivu...**qué dizê** convivu assim porque eu num tenho tem/...eu num sô também...num gostu di ficá... entranu im barracu im barracu i nem ficá sabenu da vida dus otu sabi? (PBPOP-SP-10 b)

(18) pur deu du céu si eu tivessi condições eu nem ocupava issu aqui **qué dizê** si eu tivessi umas condições melhor...qui dessi pra eu a veiz pagá um um aluguel fora... (PBPOP-BA-18 b)

(19) fantasia de artista...é algo desligado de nossa vida **quer dizer** é uma faceta que a gente assume um papel novo (EF-RE-337)

- **redução parafrástica** (quando o falante resume ou denomina a informação dada) Hilgert, 2006. Este caso corresponde ao outro tipo de paráfrase (conclusiva) presente entre os dados de *quer dizer*, os quais passamos a exemplificar a seguir:

Exemplos:

(20) valdenice tá fazenu a:: terceira i essa daí tá fazenu primera né?... **qué dizê** qui essa dí já feiz u:: u prezinhu (PBPOP-BA-18 b)

(21) bota um elementu daqueli ali...u clubi já ganhô tantu nas costa deli né? **qué dizê** qui é um comérciou ...(PBPOP-RE-23 b)

Uma observação importante dos exemplos acima é que nos casos de expansão parafrástica, a mesma possui função explicativa, de maneira que o falante, por meio dela, procura garantir ao ouvinte a compreensão do enunciado. Já nos casos de redução parafrástica, há a função conclusiva.

4.6 Resultados Obtidos da Análise do Marcador Discursivo *Quer Dizer*

Para compreendermos mais claramente os resultados desta pesquisa, dispomos seus números nas tabelas a seguir.

Tabela 8. Resultado da Análise do Marcador Discursivo *Quer Dizer* por Variedade:

Tipos de Uso	Português Culto	Português Popular
Quer Dizer em Processos de Correção	28%	10%
Quer Dizer em Paráfrases Explicativas	36%	12%
Quer Dizer em Paráfrases Conclusivas	36%	78%

Tabela 11. Os usos de *quer dizer* como Processos de Correção:

Tipos de Processo de Correção	Português Culto (D2/EF)	Português Popular (PBPOP)	Exemplos
Por Hesitação	42%	0	(190) você falou em carreira... boa para a mulher né?...o tipo de carreira ah eu acho que isso seria... qualquer uma () quer dizer ... de ciências mais humana/ ah de o lado humano o ou de ... ciências exatas como chamava no meu tempo (D2-SP-360) (195) no fim todo mundo conhece todo mundo quer dizer dentro da... dentro da área específica (D2-SP-360)

			<p>(198) eu tenho quase certeza embora não tenhamos a lista... que vocês são... no total cinquenta e um... quer dizer sempre tá faltando... não é? (EF-RE-337)</p>
Por Refrasagem	58%	100%	<p>(199) entenderam mesmo essa parte? quer dizer alguém aqui: não entendeu isso? (EF-RE-337)</p> <p>(205) a vida social onde quer que exista quer dizer onde exista vida social onde os homens estejam juntos... (EF-RE-337)</p> <p>(221) mais lá achu qui num é da prefeitura né? qué dizê...é da prefeitura mais num foi a prefeitura qui troxi né? (PBPOP-SP-10 b)</p> <p>(228) é sempri na roça...sempri qui eu tivi toda vida na roça...nada di...qué dizê: na roça maisi...saía fora tamém né? (PBPOP-NE-20 a)</p>

Nesta análise, o marcador discursivo quer dizer, apresenta-se de três diferentes formas: “quer dizer”, “quer dizer que” e “quer dizer então”, sendo que essa última corresponde ao uso duplicado dos marcadores discursivos “quer dizer” e “então”.

As três formas de uso desse MD, pode possuir valores conclusivos, equivalentes a (assim, logo, por isso, portanto...), consecutivos, equivalentes a (de forma que, de modo que, de maneira que, de sorte que), e podem ser substituídos pela expressão “ou seja” e “significa que”. Porém a forma “quer dizer” abrange um maior número de significações, podendo apresentar, também, valores explicativo e de correção.

Na relação parafrástica, “quer dizer” mostrou-se em expansão parafrástica com valor explicativo e em redução parafrástica, com valor conclusivo. Sua utilização nos processos de correção dá-se em hesitações, quando o problema é captado durante a formulação, e em refrasagens (quando o problema é captado após sua formulação).

Quanto aos tipos de Amostras em que os dados foram coletados, o MD tem seus usos mais restritos na variedade popular do português brasileiro, considerando que:

1º) na variedade popular apresenta predominância em apenas um dos tipos de uso (78% paráfrases conclusivas) embora apresente também, em menor número, os outros usos que constatamos na variedade culta;

2º) Em processos de correção presentes na variedade popular não há ocorrências do tipo hesitação, apenas de refrasagem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados que obtivemos com as análises semânticas e sintáticas do verbo *querer* mostraram que houve, com este item, um caso de poligramaticalização, ou seja, um mesmo verbo no processo de mudança da língua adquire diversos valores, usos e funções gramaticais.

Quanto aos valores semânticos, do português arcaico até a década de oitenta, ele triplicou o número de acepções, passando de seis para vinte e sete. Além disso, a marca de volição que passou a ser quase obrigatória neste verbo a partir do português arcaico começa a concorrer com outros conceitos modais: manipulação, proibição, permissão, necessidade, hipótese e possibilidade.

Querer foi encontrado em todos os itens da escala de elementos que Heine utiliza para representar os graus de abstratização de verbos, de acordo com o complemento que este seleciona: (pessoa, objeto, processo, qualidade), tempo e espaço não são atribuídos aos modais. Quanto à análise sintática, constatamos que *querer* funciona como verbo pleno em sua função prototípica, ou seja, com complemento que se refere a um objeto concreto, porém passou a selecionar também complementos abstratos e oração subordinada objetiva direta.

Migrou de verbo pleno para semi-auxiliar (ou auxiliar semântico), formando perífrases com outros verbos que atuam com função de verbo pleno, enquanto *querer* passou a ativar propriedades relacionadas ao modo. No seu percurso de evolução, chegou ao posto de verbo funcional como marcador discursivo, perdendo seu caráter verbal e

passando a atuar no plano textual-discursivo, apresentando-se de três diferentes formas: “**quer dizer**”, “**quer dizer que**”, e “**quer dizer então**”, com os seguintes valores semânticos: de conclusão (assim, por isso, logo...), de consequência (de forma que, de modo que, de maneira que, de sorte que), explicação, correção, além de ser equivalente a “ou seja” e na maioria dos casos também corresponder a “significa que”.

O MD *quer dizer* também atua como desfocalizador, para redirecionar o tópico conversacional.

Em construções parafrásticas, “*quer dizer*” apresentou-se em reduções parafrásticas (expressando conclusão) e em expansão parafrásticas (expressando explicação).

Nos processos de correção, o MD foi identificado em hesitações (quando o problema é capturado durante a formulação do enunciado) e em refrasagens (quando o problema é percebido após a formulação do enunciado).

O levantamento feito levando em conta os tipos de amostra (português culto x popular) apresentou, que os diferentes tipos de uso do verbo *querer*, ocorre tanto em uma modalidade quanto em outra. A única forma de uso que encontramos apenas no português culto foi a do MD em processo de correção do tipo refrasagem.

Porém, embora os dados apresentem algumas saliências ora num tipo de amostra, ora noutra, cremos se tratar de uma questão de os contextos serem mais ou menos propícios para seu uso.

Em síntese, o verbo *querer*, em seu desenvolvimento, segue até certo ponto uma rota de mudança lingüística que pode ser abstraída dos *contínuuns* propostos pelos autores supracitados. Porém, num dado momento, muda sua rota e segue para um caminho não previsto, o da discursivização.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CASTILHO, A T. A língua falada e sua construção. São Paulo. EDUSP, 1995.

CASTILHO, Ataliba Teixeira de. A gramaticalização. Estudos Lingüísticos e Literários (19): 1997 (pp. 25-64).

CASTILHO, A.T. “Unidirectionality or multidirectinality? Some issues on grammaticalization”. In: Revista do GEL, Araraquara, v.01, 2004.

CASTILHO, A.T. Abordagem da língua como um sistema complexo. Contribuições para uma nova lingüística histórica. São Paulo:FFLCH-USP, digitado, 2006.

CEZARIO, M.M. et al. Integração entre cláusulas e gramaticalização. In MARTELOTTA, M.E. et al. (orgs.). Gramaticalização no Português do Brasil: uma abordagem funcional. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996.

FÁVERO, L.L.; ANDRADE, M.L.C.V.; AQUINO, Z.G.O. Correção In SPINARD, J; VILLAÇA, K. (org) Gramática do Português culto falado no Brasil. Unicamp, 2006 p.255.

FUCHS, C. Paraphrase et ènonciation. Paris. Ophrys, 1994.

GONÇALVES, S.C.; LIMA-HERNENDES, M.C.; CASSEB-GALVÃO, V.C. (orgs.). Introdução à Gramaticalização. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

GORSKI, Edair; et al. Fenômenos discursivos: resultados de análises variacionistas como indícios de gramaticalização. In: C. Roncarati; J. Abraçado (orgs.). 2003. p. 106-122.

GÜLICH, E. & T. KOTSCHI Les marqueurs de la reformulation paraphrastique. Cahiers de linguistique française, 1983 p. 305-351.

HILGERT, J.G. Parafraseamento In SPINARD, J; VILLAÇA, K (org) Gramática do português culto falado no Brasil. Unicamp, 2006 p.275.

HEINE, Bernd; CLAUDI, Ulrike & HÜNNEMEYER, Friedderike. Grammaticalization: a conceptual framework. Chicago e London: The University of Chicago Press, 1991.

HEINE, Bernd. Auxiliaries - Cognitive forces and grammaticalization. New York/Oxford: Oxford University Press, 1993.

HOUAISS, A.; VILLAR, M.S.; MELLO FRANCO, F.M.; Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

HOPPER, P. (1991) "On some principles of grammaticalization". In: TRAUGOTT, E. & HEINE, B. Approaches to grammaticalization. Vol. I . Focus on theoretical and methodological issues. Amsterdam, John Benjamins.

HOPPER, P.; TRAUGOTT, E. Grammaticalization. Cambridge University Press, 1993.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Marcadores conversacionais do português brasileiro: formas, posições e funções. In: A. Castilho. (org). Português Culto falado no Brasil. Campinas: Ed. UNICAMP, 1989. p. 281-318.

MARTELOTTA, M.E.; VOTRE, Sebastião Josué; CEZÁRIO, Maria Maura (orgs.). Gramaticalização no Português do Brasil: uma abordagem funcional. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996. (p.27-44)

MEILLET, Antoine. Linguistique historique et linguistique générale. Paris: Librairie Honoré Champion, 1965 [1912].

MODOLO, M. Gramaticalização das conjunções correlativas no português. Tese de doutoramento USP, 2004.

MORENO CABRERA, Juan Carlos 1998, "On the relationships between grammaticalization and lexicalization." Giacalone Ramat, Anna & Hopper, Paul J. (eds.), *The limits of grammaticalization*. Amsterdam & Philadelphia: J. Benjamins (Typological Studies in Language, 37); 211-227.

NEVES, Maria Helena de Moura. A gramática funcional. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

RISSO, M.S.; SILVA, G.M.O ; URBANO, H. Traços definidores dos marcadores discursivos. In SPINARD, J; VILLAÇA, K (org.). Gramática do português culto falado no Brasil. Unicamp, 2006 p.275

SANDMANN. A. J. Competência Lexical Produtividade, Restrições e Bloqueio. Curitiba: Ed UFPR, 1991.

TRAUGOTT, E.C. & HEINE, BERND (eds.) Approaches to grammaticalization. Volume I: Focus on theoretical and methodological issues. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing, 1991

TRAVAGLIA, L.C.; A poligramaticalização do verbo acabar. In Letras & Letras vol.20 nº 02. Uberlândia, EDUFU, 2004.

VOTRE, S. J. ; NARO, Anthony Julius . Mecanismos funcionais do uso da língua: função e forma. DELTA. Documentação de Estudos em Lingüística Teórica e Aplicada, São Paulo, v. 5, p. 285-290, 1992.

BIBLIOGRAFIA

BYBEE, Joan. Mechanisms of Change in Grammaticalization: the role of frequency. In:

BYBEE, Joan. Cognitive Processes in Grammaticalization. (pp. 145-167) In:
<http://www.unm.edu/~jbybee>

_____ From usage to grammar: the mind's response to repetition. (pp.1-26) In:
<http://www.unm.edu/~jbybee> BYBEE, Joan; PERKINS, Revere; PAGLIUCA, William.
The evolution of grammar - tense, aspect, and modality in the languages of the world.
Chicago: The University of Chicago Press, 1994.

CAMPBELL, Lyle & JANDA, Richard. Introduction: conceptions of
grammaticalization and their problems. In: Languages Sciences (23), 2001 (pp.93-112).

CASTILHO, Ataliba T. de (2003 b) Proposta funcionalista de mudança lingüística. Os
processos de lexicalização, semanticização, discursivização na constituição das línguas.
em www.fflch.usp.br/dlcv.lport

CASTILHO, Ataliba Teixeira de. A gramaticalização. Estudos Lingüísticos e Literários
(19): 1997 (pp. 25-64).

CASTILHO, A T. A língua falada e sua construção. São Paulo. EDUSP, 1995

CASTILHO, A.T. “Unidirectionality or multidirectinality? Some issues on
grammaticalization”. In: Revista do GEL, Araraquara, v.01, 2004.

CASTILHO, A.T. Abordagem da língua como um sistema complexo. Contribuições para uma nova lingüística histórica. São Paulo:FFLCH-USP, digitado, 2006.

CEZARIO, M.M. et al. Integração entre cláusulas e gramaticalização. In MARTELOTTA, M.E. et al. (orgs.). Gramaticalização no Português do Brasil: uma abordagem funcional. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996.

FÁVERO, L.L.; ANDRADE, M.L.C.V.; AQUINO, Z.G.O. Correção In SPINARD, J; VILLAÇA, K. (org) Gramática do Português culto falado no Brasil. Unicamp, 2006 p.255.

FUCHS, C. Paraphrase et ènonciation. Paris. Ophrys, 1994.

GONÇALVES, Sebastião Carlos. Gramaticalização, modalidade epistêmica e evidencialidade: um estudo de caso no português do Brasil. Tese de doutoramento. Campinas: IEL/UNICAMP, 2003.

GONÇALVES, S.C.; LIMA-HERNENDES, M.C.; CASSEB-GALVÃO, V.C. (orgs.). Introdução à Gramaticalização. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

HEINE, Bernd. Grammaticalization as an Explanatory Parameter. In: PAGLIUCA, William (ed.) Perspectives on Grammaticalization. Current Issues in Linguistic Theory (109) Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing, 1994 (pp.255-287)

_____ Auxiliaries - Cognitive forces and grammaticalization. New York/Oxford: Oxford University Press, 1993.

HEINE, Bernd; CLAUDI, Ulrike & HÜNNEMEYER, Friedderike. From cognition to grammar - evidence from African Languages. In: TRAUGOTT, E.C. & HEINE, BERND (eds.) Approaches to grammaticalization. Volume I: Focus on theoretical and methodological issues. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing, 1991

_____ Grammaticalization: a conceptual framework. Chicago e London: The University of Chicago Press, 1991.

HILGERT, J.G. Parafraseamento In SPINARD, J; VILLAÇA, K (org) Gramática do português culto falado no Brasil. Unicamp, 2006 p.275.

HOUAISS, A.; VILLAR, M.S.; MELLO FRANCO, F.M.; Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

HOPPER, P.; TRAUGOTT, E. Grammaticalization. Cambridge University Press, 1993.

TRAUGOTT, Elizabeth Closs & HEINE, Bernd (eds.) Approaches to Grammaticalization. Volume I. (pp.37-80).

LIMA-HERNANDES, Maria Célia. A interface Sociolingüística/Gramaticalização - Estratificação de usos de tipo, feito, igual e como - sincronia e diacronia. Tese de doutoramento. Campinas: IEL/UNICAMP, 2005.

MAALEJ, Zouhair. Metaphoric discourse in the age of cognitive linguistics, with special reference to Tunisian Arabic . Journal of literary semantics. XXVIII, 1999. (pp.189-206)

MACMAHON, April M.S. *Understanding Language Change*. Cambridge: Cambridge University Press, 1996.

MARCUSCHI, L. A Hesitação In SPINARD J; VILLAÇA, K (org) *Gramática do português culto falado no Brasil*. Unicamp, 2006 p.48

MEILLET, Antoine. *Linguistique historique et linguistique générale*. Paris: Libraire Honoré Champion, 1965 [1912].

MILROY, James. On the social origins of language change. In: JONES, Charles (Ed.) *Historical Linguistics: problems and perspectives*. London: Longman, 1993. (pp.215-236)

MODOLO, M. *Gramaticalização das conjunções correlativas no português*. Tese de doutoramento USP, 2004

NARO, Anthony Julius. Idade. In: MOLLICA, Maria Cecília (org.) *Introdução à sociolinguística variacionista*. Cadernos Didáticos. Rio de Janeiro: UFRJ, 1996 (pp.81-87)

_____ & BRAGA, Maria Luiza. A Interface Sociolinguística/Gramaticalização. Gragoatá, 2001, (p.125-134)

NEVES, Maria Helena de Moura. *A gramática: história, teoria e análise, ensino*. São Paulo: Ed. Unesp, 2002.

_____. *Gramática de Usos do Português*. São Paulo: Ed. Unesp, 2000.

_____. *A gramática funcional*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

RISSO, M.S.; SILVA, G.M.O ; URBANO, H. Traços definidores dos marcadores discursivos. In SPINARD, J; VILLAÇA, K (org.). Gramática do português culto falado no Brasil. Unicamp, 2006 p.275

SEVERO, Cristine Gorski . Quer dizer e seus usos: análise de dados de escrita. Veredas (UFJF), Juiz de Fora, v. 11, p. 1-14, 2007.
Palavras-chave: contexto; corpus; quer dizer; função.

SILVA, M.C.P.S.; CRESCITELLI, M.F.C. Interrupção. In SPINARD, J; VILLAÇA, K (org) Gramática do português culto falado no Brasil. Unicamp, 2006 p.275

SANDMANN. A. J. Competência Lexical Produtividade, Restrições e Bloqueio. Curitiba: Ed UFPR, 1991.

SAUSSURE, F. Curso de lingüística geral. Cultrix, 1975.

SWEETSER, Eve E. Grammaticalization and Semantic Bleaching. In: AXMAKER, S. et alii. General Session and Parasession on Grammaticalization. Berkely Linguistics Society, 1988.

_____ From etymology to pragmatics - metaphorical and cultural aspects of semantic structure. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.

TRAUGOTT, Elizabeth Closs. Pragmatic strengthening and grammaticalization. In:

VOTRE, Sebastião Josué. Um paradigma para a lingüística funcional. In: MARTELOTTA, M.E.; VOTRE, Sebastião Josué; CEZÁRIO, Maria Maura (orgs.). Gramaticalização no Português do Brasil: uma abordagem funcional. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996. (pp.27-44)

_____. Dicionário básico de lingüística funcional. 1999. Inédito

_____ & ROCHA, A.R. A base corporal da metáfora. In: MARTELOTTA, M.E.; VOTRE, Sebastião Josué; CEZÁRIO, Maria Maura (orgs.). Gramaticalização no Português do Brasil: uma abordagem funcional. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. *Um estudo textual-discursivo do verbo no Português do Brasil*. Campinas: Tese de Doutorado, IEL / UNICAMP, 1991 p. 124,330.

.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. A gramaticalização dos verbos começar / passar – continuar – acabar, terminar / deixar. In: TRAVAGLIA, Luiz Carlos. *Gramaticalização de verbos – Relatório de pesquisa*. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras / UFRJ, Relatório de Pós-Doutorado em Lingüística, 2002. (131 pp.)

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. “Verbos gramaticais – verbos em processo de gramaticalização”. In: TRAVAGLIA, Luiz Carlos. *Gramaticalização de verbos – Relatório de pesquisa*. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras / UFRJ, Relatório de Pós-Doutorado em Lingüística, 2002. p.56.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. “A gramaticalização de verbos”. In: HENRIQUES, Cláudio Cezar (org.). *Linguagem, conhecimento e aplicação – Estudos de língua e lingüística*. Rio de Janeiro: Editora Europa, 2003: 306-321

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)